



O MINISTÉRIO ADVENTISTA

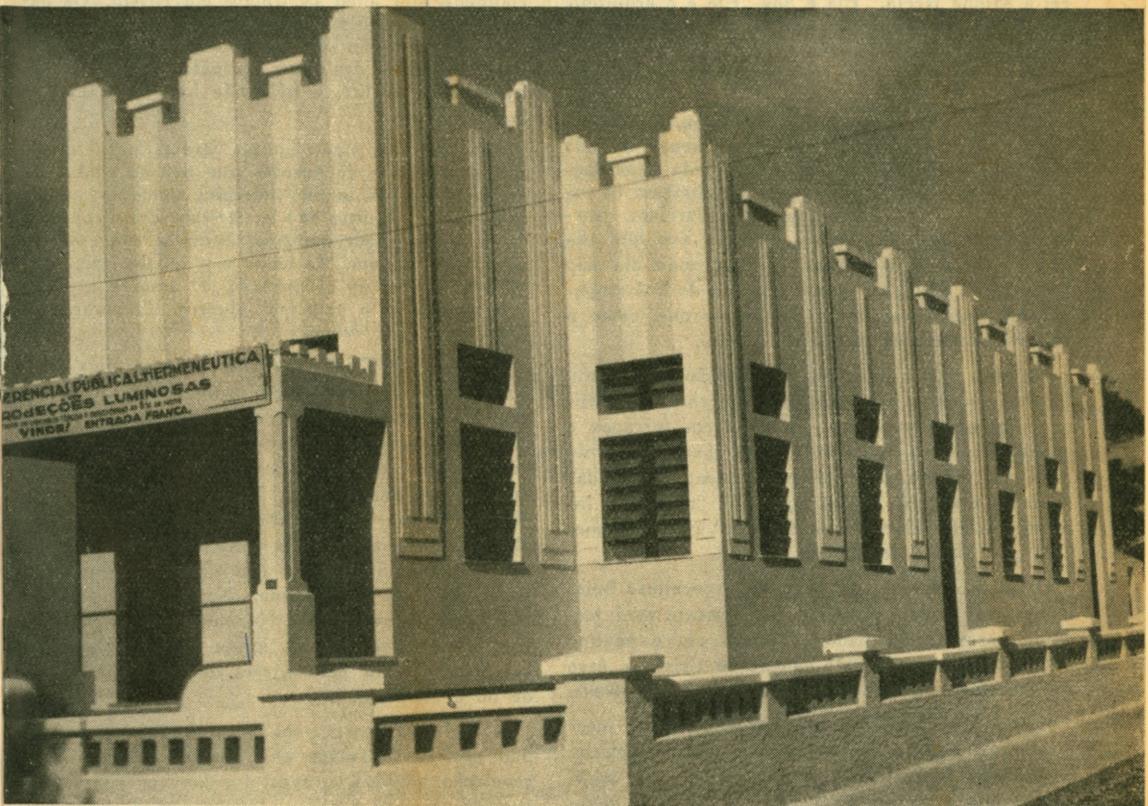


ANO 22

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1956

Nº. 1

Templo Adventista de Fortaleza, Ceará.



“Apelo para as igrejas de cada Associação: Mantende-vos separados e diferentes do mundo — no mundo, mas não lhe pertencendo, refletindo os brilhantes raios do Sol da Justiça, sendo puros, santos e imaculados e, com fé, levando luz a todos os caminhos e valados da Terra.”
—Sra. E. G. White, em Test. Sels., [Ed. mundial], Vol. III, pág. 69.

Edificando com Pedras Vivas

ORMOND K. ANDERSON

Evangelista, Divisão do Oriente Médio



FORA da igreja não há esperança de vitória para o cristianismo. Jesus declarou: "Edificarei a Minha igreja." Ela é Sua. Ele é o arquiteto. Na hora do desânimo deve a pessoa escutá-Lo dizer: "Edificarei a Minha igreja." "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam."

A igreja não é nenhum empreendimento nosso. Ela é Sua. Nós somos coobreiros Seus. A todo momento Ele está com zelooso cuidado aguardando os Seus. Vociferam os críticos, zombam os escarneadores, os detratores ridicularizam, surgem falsos profetas, "mas a igreja dos que são fiéis a Jesus permanecerá." O seu meio-dia não lhe está às costas; o fulgor sêtuplo do Sol empalidecerá ante o esplendor dos justos que, como o Sol, resplandecerão no Reino do Pai.

Estamos edificando uma instituição duradoura. Quando tôdas as bandeiras dos impérios e repúblicas terrestres estiverem desfeitas em farrapos e a mão da morte houver ferido a Terra, a igreja de Jesus Cristo se erguerá gloriosa, liberta das manchas e marcas da corrupção. As "portas do inferno não prevalecerão contra ela." Ela permanecerá por tôda a eternidade.

O quadro pintado no livro do Apocalipse belamente revela que a igreja remanescente terá formado caráter imaculado. Cantará ela o cântico da vitória alcançada pelo sangue de Cristo, e êsse cântico ecoará por todo o vasto universo de Deus.

Nestes dias perturbados e desconcertantes façamos nós a decisão de ser firmes e inamovíveis na fé, sempre edificando a nossa vida e a de quantos Deus nos confiar a guarda na igreja de nosso Senhor Jesus Cristo, lembrando-nos nós de que cada alma é uma pedra viva no templo do Senhor.

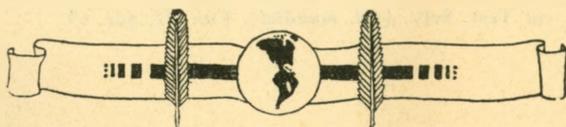
Ao edificarmos para Ele, não esqueçamos ja-

mais que o homem prova ser cristão não apenas por amar todos os homens em geral, mas especialmente por amar os irmãos em Cristo. Os pagãos do primeiro século exclamaram para os cristãos: "Vêde como êles se amam uns aos outros!" João, o amado, declarou: "Aquêle que ama a seu irmão está na luz, e nêle não há escândalo". (I S. João 2:10).

Disse alguém que "muitas igrejas nas cidades são constituídas de pessoas que não se conhecem umas às outras, e não desejam umas às outras conhecer-se. Muitas são as igrejas rurais compostas de pessoas que umas às outras se conhecem, e muito o lastimam." O amor é a lei da igreja. O amor é o sinal do discipulado. O amor é o evangelista-chefe e o principal obreiro. O amor é a força que tudo vence.

A igreja de Cristo deve ser o lugar mais cálido e acolhedor em tôda a comunidade. A ambição mais acariciada de cada congregação deve ser: "Nenhum estranho, membro ou visitante deve ficar sem ser cumprimentado. Nenhum membro desafortunado deve ficar desatendido. Nenhum inválido deve ficar sem ser visitado. Nenhuma pessoa necessitada deve ficar sem ser auxiliada. Nenhuma alma transviada deve permanecer sem ser aconselhada. Nenhuma casa enlutada deve ser esquecida. Nenhum ato de misericórdia ser descurado. A igreja será um lar"—e um lar para cada pessoa, sem ter em conta a idade ou a condição.

A Bíblia não basta para tornar fortes os homens. São precisos as mãos e o coração humanos. A revelação advinda através dos homens santos do passado, precisa ser completada com a revelação a ser fruída por intermédio dos homens que agora vivem. Lembrai que "o mais forte argumento em favor do cristianismo é um cristão amável e cativante."



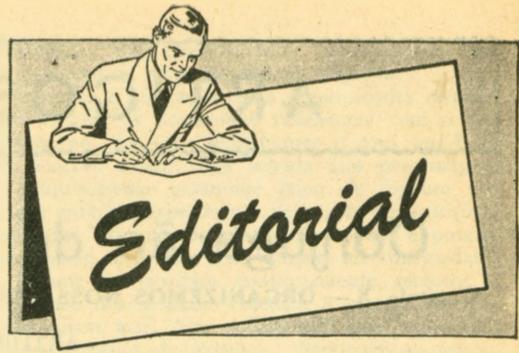


Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator associado — Rafael de A. Butler

Colaborador especial:
Walter E. Murray



O Poder do Racióinio Negativo

EXISTE interêsse manifesto, entre nossos irmãos, na atual polémica sôbre certos livros religiosos populares e a filosofia que contém. Simeon Stylites, pseudônimo de Halford Luccok, autor de muitas cartas insinuatoras para o redator de *Christian Century*, escreveu recentemente sôbre o poder do pensamento *negativo*. Conquanto reconheça os proventos fundamentais do pensamento positivo, claro, adverte:

“Estamos em perigo de muita confusão se fomos levados a crer que o ‘pensamento positivo’ é a única espécie de valor real. Demasiadas são as pessoas, que, hoje em dia, consideram o ‘pensamento positivo’ uma forma de auto-suficiência, um ato da minha cegueira.” Se bem que se tratasse de outros vens e moças êles são.

“Quando o pensamento positivo é identificado com um estimulante autodiscurso, as melhores coisas da vida e o verdadeiro desenvolvimento da mente e do coração são desprezados. Vemos isso no título da tradução francesa de uma das mais populares obras estimulantes dos meios de salvação, *Deixe de Aborrecer-se e Comece a Viver*, de Dale Carnegie. Apareceu dêste modo: *Triomphez de Vos Soucis. Vivez! Que le Diable!* que, interpretado, significa: ‘Vencei as Vossas Dificuldades. Vivei! Que Diabo!’ [tradução literal.] Um pouco fraca!

“Assim, nestes tempos positivos, bem podemos voltar-nos para alguns quadros do Poder do Pensamento Negativo, encontrado em um velho livro que ainda é lido em alguns setôres: a Bíblia. O começo da experiência cristã não é de muita auto-suficiência, mas de demérito próprio. A primeira bem-aventurança, ‘Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos Céus,’ descreve a fonte de que brota a verdadeira bem-aventurança. Os bem-aventurados são os que se lembram de sua subordinação e entram na vida através da porta da humildade. Isso é pensamento negativo, que é o prelúdio da vida frutífera.”

O Dr. Erich Fromm, notável psicanalista, também crê que muito do atual reavivamento espiritual se deve parcialmente a um novo prisma quanto às idéias de Dale Carnegie. Sustenta êle que “a religião está sendo aviltada para fins seculares,” e que “a idéia generalizada da maioria dêstes livros sôbre religião, é simplesmente que se tendes fé em Deus, isso vos faz bem à alma e aos negócios — com a ênfase sôbre os negócios.”

O recente reavivamento religioso está buscando combinar a idéia da religião judaico-cristã com as

(Cont. na pág. 20)



Ano 22 Nº. 1

Edificando com Pedras Vivas 2

EDITORIAL

O Poder do Racióinio Negativo 3

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida, Cap. X — Organizemos Nossa Vida Social de Maneira Interessante 4

A Cronologia de Esdras 7 — parte IV, Os Calendários Anteriores ao Cativoiro 7

OBRA PASTORAL

Obra, Vocação e Responsabilidade Pastorais, Parte II, Normas da Igreja 12

O Trabalho Principal do Ministério Cristão 14

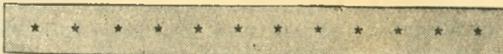
Que Está Fazendo a Sociedade dos MV da Tua Igreja? 16

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

A Influência da Alimentação — Parte IV, Bênçãos Prometidas aos Reformadores do Regime Alimentar 18

ILUSTRAÇÕES

Estímulo na Adversidade — Herdeiros de Deus 19



Conjugação de Esforços na Vida

Capítulo X — ORGANIZEMOS NOSSA VIDA SOCIAL DE MANEIRA INTERESSANTE

ARTUR L. BIETZ

(Membro da Associação Médica Americana de Psicologia, Professor de Cristianismo Aplicado no Colégio de Evangelistas Médicos, Pastor da Igreja White Memorial.)

UM homem que tinha dificuldades em suas relações com os demais, foi consultar médico em busca de remédios. Disse êle ao médico:

— Doutor: Ultimamente tenho lido muito acerca da Medicina Social. Sofri dissabores em meu trato com as demais pessoas; parece que não me apreciam e eu não me preocupo delas. Pensei em que se o senhor me receitasse um ou dois vidros desse remédio social eu poderia melhorar minhas relações com essas pessoas.

Numerosas são as pessoas que precisam dessa espécie de remédio; mas, infelizmente, não é possível ministrá-lo em frascos. O resultado inevitável da má compreensão dos semelhantes é a solidão. Quase insuportável é o isolamento. Certo homem tímido que recorreu a um psiquiatra ensina-nos uma lição à maioria de nós outros. Disse-lhe êle:

— Doutor: Ser-lhe-ia possível dividir a minha personalidade? Eu me sinto terrivelmente só.

As pessoas ajuizadas sabem como partilhar a vida com as demais; as socialmente inadaptadas vivem solitárias.

Um dos melhores indícios de saúde mental é a capacidade de manter boas relações com os demais. Certo homem que, em companhia de um amigo, visitou um hospício de dementes, inquietou-se ao ver a atitude pouco amistosa e decididamente hostil de vários enfermos. Disse êle ao amigo, que era funcionário desse hospício:

— Não teme você que êsses pacientes o assaltem qualquer dia e matem?

— Não, respondeu o funcionário, não nos preocupamos com isso. Os dementes nunca se associam para fazer seja o que fôr.

Um sinal certo da má saúde mental e emocional é a falta de cooperação com os esforços dos demais seres humanos. Alguém que não vive em boa harmonia com outros logo experimentará desassossego e inquietação. Um sargento que visitava um hospício de dementes ficou intrigado ao ver um enfermo que fazia ademanos de jogar beisbol. Interrogado do motivo pelo qual o observava, respondeu:

— Se me desouver com os oficiais que me mandam e com os homens que estão debaixo de minhas ordens, não demorarei em vir para êste lugar. Acho que me convém observar os movimentos desse jogador, para que, ao chegar aqui, possa arrebatar-lhe a bola.

A soma total das amizades e das companhias determina a verdadeira índole da personalidade. Uma pessoa não é pessoa, afinal de contas. Os seres humanos foram criados para uma ação social recípro-

ca, e sem ela não experimentarão progresso nem felicidade. Cada pessoa é a soma total das influências que sôbre ela atuam, as quais são maiormente de natureza social. Antes de que a criança possa a capacidade de raciocinar, a influência dos pais pesa na formação de sua vida. O lar, a igreja e a escola, não obstante tôdas as suas complicações sociais, moldam e edificam a vida de uma pessoa. Quem fôr deslocado pelos demais no sentido do isolamento nunca poderá ser considerado pessoa de êxito.

Estou convencido de que a maioria dos desequilíbrios da personalidade e dos desajustes emocionais são devidos ao fracasso nas relações humanas. Os que recorrem a um conselheiro em busca de ajuda, revelam indefectivelmente dificuldades e fracassos sociais.

Quando as relações humanas são perturbadas, sofre-se muito. O planejar uma vida proveitosa significa traçar uma conveniência social adequada, porque sem ela não haverá felicidade. O êxito na vida deve ser julgado sobretudo do ponto de vista das relações sociais. Quem não pode alegrar-se com a companhia dos demais e com êles não se entende bem, não compreende os verdadeiros e mais nobres propósitos da vida. As maiores satisfações procedem da associação mútua e da correta compreensão de nossos semelhantes.

Ao experimentarmos alegrias e tristezas, nosso primeiro impulso é partilhá-las com as pessoas que as compreenderão. Certa senhora que perdera o espôso passou semanas em companhia de uma amiga que, dois anos antes, sofrera a mesma desgraça. A amizade entre ambas, que compreendiam o sofrimento recíproco, foi o meio de estabilizar e reabilitar a vida emocional da que mais recentemente havia sofrido a dolorosa perda. No calor da amizade, fortalecem-se as mentes e desenvolvem-se, reabilita-se o espírito e a vida cobra novo sentido.

Um octogenário falava com outra pessoa acerca de sua solidão. Dizia-lhe que a maioria das pessoas com quem havia partilhado a vida, já não mais existiam. De quando em quando experimentava alguma ocorrência ou concebia uma idéia que desejava participar aos demais, e pensava em um de seus antigos amigos que apreciaria a idéia ou a ocorrência. Repentinamente se lembrava de que já havia morrido. Com o transcurso do tempo, esta necessidade de compartilhar suas idéias e sentimentos tornava-se cada vez mais imperiosa. Fazia êle o seguinte comentário: "Creio sinceramente que a vida, alheada das pessoas a quem amamos e que

nos amam, não tem significação alguma." Tinha êle razão, porque tôdas as nossas necessidades pessoais básicas provêem-se com a amizade. A vida de uma criança que não encontra companheiros de brinquedos é anormal. A necessidade de contatos sociais e de brincar manifesta-se nas crianças de tenra idade. Uma mãe que tinha uma única filha decidiu não deixá-la sair de casa. Explicava que não queria que brincasse com as outras meninas porque aprenderia a brigar, bem como más palavras e procedimento impróprio. Isolou a filha, que não se desenvolveu normalmente. Outra mãe, que também tinha uma filha única, e vivia num bairro distante, onde não havia outras crianças, cada dia a levava ao povoado para que brincasse com outras crianças. A menina aprendeu com isso coisas incorretas, mas desenvolveu-se normalmente e aprendeu a viver com as demais crianças. A lição básica que a vida nos ensina é a de aprender a cooperar com nossos semelhantes. Unicamente por meio da associação esquecem-se de si mesmos os indivíduos, em proveito dos interesses de todo o grupo. A ação social reciproca não sômente ensina a adaptação às necessidades do conjunto, mas proporciona os maiores prazeres que a vida pode oferecer.

Ao queixarem-se os pais, diante dos filhos, dos maus tempos e das circunstâncias adversas, podem introduzir um obstáculo no desenvolvimento da sua vida social. Os que falam dos amigos e vizinhos, e os criticam desfavoravelmente paralisarão a vida social dos filhos e induzi-los-ão a dêles desconfiar e a ter-lhes antipatia. A menos que façam esforços decididos para vencer essas atitudes, elas os acompanharão a vida inteira. Os pais que censuram a amigos e vizinhos não devem surpreender-se se, por fim, seus filhos contra êles se virarem. Onde quer que seja dificultada a boa vontade social, só restam atitudes egoístas. O filho pensa: "Que necessidade tenho eu de fazer alguma coisa em proveito dos demais?" Desde o momento em que não pode resolver os problemas da vida com semelhante estrutura mental, fica obrigado a duvidar e a buscar meios fáceis de conseguir-lhes a solução. Verifica ser difícil viver, e não parece preocupar-se se prejudica os interesses de outras pessoas. Para êle a vida é questão de luta, em que cada qual busca superar os demais; e, sem dúvida, "na guerra tudo é permitido."

Algumas pessoas dão importância às coisas, ao invés de concedê-la aos seres humanos. Ao perceber a criança que os pais se interessam unicamente em ganhar dinheiro, com facilidade pode desviar-se do caminho da cooperação e buscar suas próprias vantagens materiais. Se o juntar dinheiro fôr o seu alvo único, sem nenhuma relação com os interesses sociais, não existe motivo algum que a impeça de furtar e defraudar o próximo. Ainda que a atitude adotada não seja tão extrema, propenderá para só escassamente atentar para os interesses sociais na consecução de seus fins. Pode a pessoa ajuntar grande fortuna sem que suas atividades sejam de muito proveito para quem a rodeia; ao contrário, serão positivamente perigosas para o bem-estar geral do grupo.

Se a criança julga que as outras pessoas lhe são hostis, se pensa que está rodeada de inimigos e que a mantêm com as costas contra a parede, não é possível esperar que faça amizades. Nessas cir-

cunstâncias não quererá fazer coisa alguma em prol de outros, mas pretenderá impor-se.

Evidente é que as maiores enfermidades mentais que afligem os homens se relacionem com o seu alheamento dos seus semelhantes e com sua falta de relações sociais. Foi achada alta porcentagem de esquisofrenia paranóide [tipo de loucura em que o enfermo experimenta delírio de perseguições] nas casas em que são alugados cômodos a pessoas que vivem solitárias, sem amigos, ali confinadas.

Alguns se mostram continuamente receosos e temerosos dos demais. Possuem a certeza de que dêles falam mal. Não podem agir com naturalidade na presença de terceiros. Pertencem ao grupo, no que tange à sua presença no grupo, mas jamais experimentam a sensação de que dêle formam parte. Essas pessoas freqüentarão os cultos religiosos e em seguida se queixarão de que ninguém se portou amistosamente com elas. Fazem tais comentários por não se sentirem a gosto em companhia dos demais. Esqueiram-se furtivamente para que ninguém possa com êles entabular conversação; e dêse modo consideram justificados os seus pensamentos de que as pessoas se comportam com frialdade e são pouco amistosos. Todos são amigáveis se se lhes demonstra confiança suficiente para inspirar-lhes um sentimento de segurança.

Existe grande perigo para os que se alheiam dos demais seres humanos. Membros de igreja há que algumas vêzes formulam conceito desapiedado contra todos quantos não compartilham de suas crenças. Um membro de outra denominação, grupo muito exclusivista em suas atitudes, me disse: "Sempre tenho sentido temor de todos quantos não pertençam à minha igreja. Nossos pregadores falam contra as outras igrejas e dizem-nos que somos o único povo a quem Deus ama; por conseguinte, formei-me um complexo de temor dos demais. Estou convencido de que não se deve crer no próximo, e sinto que atuam contra mim. Sempre que me encontro entre um grupo de pessoas alheias à minha igreja, sinto-me incômodo e intimidado. Gostaria de vencer êste sentimento." A razão básica da existência da igreja deve ser o conseguir que seu amor à humanidade alargue suas próprias fronteiras em amor à humanidade. Um grupo religioso que atue por temor e falta de amor para com os seres humanos, sem dúvida alguma não poderá cumprir a missão que Deus lhe confiou.

As oportunidades de relacionar-se com outras pessoas são necessárias para o desenvolvimento normal físico, psicológico e social. Sem dúvida, muitas enfermidades emocionais e mentais aparecem nos lugares em que a população se muda com freqüência e em que as pessoas são afastadas de seu ambiente normal. A saúde mental e emocional é muito mais estável onde a vida apresenta quietude e sossego, em lugar de complexidade e condições precárias.

As necessidades sociais dos indivíduos procedem da circunstância de que a vida deva ser passada em contato com outras pessoas. Unicamente ao serem estabelecidas relações amistosos satisfatórias com o próximo, com as organizações e instituições, pode o indivíduo rodear-se das melhores condições para prosseguir vivendo, para formar e manter a própria família e descobrir as possibilidades de sua própria personalidade.

A assistência aos cultos e às reuniões da igreja constitui a melhor de tôdas as fontes de relações

sociais, porque ali os seres humanos se reúnem em comunhão de aspirações e desejos. Oram juntos e juntos cantam; existe um vínculo que une os espíritos semelhantes em sentimento de união e dependência. Os cristãos sempre foram de natureza sociável; e ninguém que se isole de seus semelhantes, podera considerar-se cristão verdadeiro. Devem atuar juntos e viver para outros. A família que freqüenta a igreja e celebra com regularidade cultos domésticos, estabelece um alicerce firme para a cooperação social.

Uma pesquisa praticada entre crianças que assistiam regularmente aos cultos religiosos, e entre outras que não o faziam, revelou que os primeiros possuíam inclinações e talentos sociais maiores. Quem freqüenta a igreja não pode ser inteiramente egoísta nem estar absorbo na preocupação de seus próprios interesses e nada mais. Cada semana verifica que existem outras pessoas que possuem sentimentos e desejos semelhantes aos seus. Os que pertencem à igreja e a freqüentam metódicamente, assumem responsabilidades individuais que as ajudam a crescer socialmente e lhes proporcionam grande satisfação.

Em anos recentes foram realizadas pesquisas no terreno do *psicodrama*. Essa espécie de tratamento para os desajustados sociais e enfermos mentais tornou-se de grande valor. Foram levadas à cena representações curtas em que os desajustados desempenham papéis específicos. À medida que se relacionam uns com os outros, no desempenho de seus respectivos papéis, encontram interesses fora de si mesmos. Esta espécie de tratamento, em que tomam parte os enfermos, é indicada especialmente em caso de desordens leves e conflitos sociais menores; os que se produzem no seio de uma família, por exemplo, ou entre cônjuges, ou em casos relacionados com o emprêgo, porque constitui uma combinação ideal da ação do tratamento individual com a que resulta do que é aplicado ao grupo. Esta espécie de terapêutica pode ser aplicada com elevado número de enfermos ao mesmo tempo. Requer direção hábil para que todos trabalhem juntos harmonicamente.

O *psicodrama*, ao atuar reciprocamente entre o indivíduo e o grupo, lembra-nos os cultos da igreja. Em uma reunião satisfatória acham-se oportunidades de cooperação e expressão, proporcionadas pelo cântico dos hinos, a leitura da Bíblia e a união nas orações. Tudo isto, em certo sentido, é de uma reciprocidade dramática, em que o indivíduo e o grupo cooperam uns com os outros. Se o *psicodrama* é aplicado para curar os distúrbios mentais e emocionais, não é, então, demasiado supor que os incidentes do culto, em que o indivíduo se relaciona com o grupo, têm ilimitadas inferências físicas, mentais e sociais.

A *terapêutica de grupo* é outro método, amplamente difundido, de ajudar as pessoas perturbadas a encontrar a saúde mental, emocional e física. Durante a segunda guerra mundial, descobriu-se que os soldados perturbados emocionalmente encontram grande alívio ao reunir-se regularmente para discutir seus problemas, e finalmente volviã à normalidade.

Os incidentes do culto formam o grupo terapêutico mais significativo. Reúne os participantes nas práticas mais elevadas do espírito humano. O culto é, para o espírito, o que para o corpo é o sono. É a prática mais elevada de que são capazes os sé-

res humanos. Disse-me um médico o seguinte: "Eu costumava freqüentar a igreja e as reuniões de oração, para agradar a Deus. Estava certo de que Ele o queria; de modo que queria agradar-Lhe, prestando-Lhe mais respeito e cumprindo meu dever. Não obstante, começo agora a compreender que necessito do que *me* podem *dar* os cultos do sábado e as reuniões de oração. Sinto-me mais feliz e com melhor saúde, como resultado das bênçãos que recebo das práticas espirituais do culto." Deus não instituiu para Seu benefício as práticas espirituais do culto, mas para *nossa* saúde e bem-estar.

A participação na vida social deve fazer parte integral da vida de cada pessoa, porque os que podem expandir-se socialmente não procedem bem; exageram o que fazem. São escravos de seu trabalho, em lugar de seu amo. Trabalhar apenas e não brincar faz de Joãozinho um menino apagado, e quer uma quer outra coisa, em demasia, produz desequilíbrio. Bom é o trabalho, mas deve equilibrar-se com o repouso.

Quem rema num barco, deve puxar os remos e fazer uma pausa. Se os movimentasse continuamente não faria o barco avançar. O arqueiro estira o seu arco e deixa a flecha partir em direção ao alvo visado; em seguida o arco é afrouxado. Se forçado continuamente, perderia sua flexibilidade; perderia a força reservada para impulsionar a flecha através do espaço. Algumas pessoas submeteram o coração, que é órgão elástico, a uma tensão tão prolongada, que provoca a perda de sua elasticidade e fá-lo abandonar a luta. Nesta época, as enfermidades do coração causam o maior número de falecimentos. E esses males se relacionam intimamente com o estado de tensão constante a que estão submetidas as pessoas.

Certo homem fez o seu primeiro vôo em avião. Ao aterrissar, perguntou-lhe um amigo se lhe havia agradado o vôo. Respondeu-lhe êle: "Agradou-me muito; mas, quero dizer uma coisa a você: Em nenhum momento me sentei com todo o meu peso." Muitas pessoas se assemelham a êsse homem. Não sabem como espairer nos momentos livres e encontrar dignas e satisfatórias as relações sociais nas recreações. Perdem de vista os verdadeiros propósitos da vida.

Uma senhora que passara quase a vida tôda entre diversões e reuniões sociais, ao converter-se a tornar-se membro de uma igreja decidiu dedicar-se às atividades mais sérias da vida. Pôs fim à prática de diversões e abandonou as atividades sociais. Consagrou a vida inteiramente ao estudo e ao trabalho. Tôdas as tardes pegava da Bíblia e de seus livros religiosos para dedicar-se a estudo prolongado. O espôso, que não se convertera, pedia-lhe que o acompanhasse a reuniões inofensivas e que participasse de algumas relações sociais. Ela firmemente recusou atender. Abandonado a si mesmo, não demorou êle a encontrar-se perturbado. Quando o lar estava a ponto de desabar, a espôsa despertou para o fato de que, se se quizer levar vida bem equilibrada, deve ela ser entremeadada de atividades sociais e momentos de folga. Seu lar foi salvo, e sua experiência espiritual foi mais genuína e saudável desde que emendou o seu procedimento.

A hospitalidade é um dom esquecido por muitos. Lembro-me de como eram proveitosas, em minha juventude, as visitas que recebiamos em nossa casa. Os tempos mudaram, mas cada família deve organizar sua vida social de forma interessante.

A Cronologia de Esdras 7 -- IV

S. H. HORN e L. H. WOOD

Os Calendários Anteriores ao Cativo

PÓSTO que o calendário judeu de Esdras 7 é uma continuação do que era empregado antes do cativo babilônio, necessário é, para poder analisar o sistema do calendário posterior ao cativo, estudar o calendário hebraico, tal como pode ser reconstituído com base nas informações anteriores a esse cativo.

Encontramo-nos sobre base muito mais segura para tratar de conseguir esta reconstrução, do que no tocante aos calendários empregados pelos egípcios e babilônios. O motivo desta incerteza se deve à pobreza das fontes de investigação. Na Mesopotâmia, centenas de milhares de tabuinhas com escrita cuneiforme nos fornecem toda a informação necessária para reconstituir o calendário babilônio de maneira que se possa dele obter conhecimento comparativamente amplo. É igualmente completa a nossa compreensão do calendário egípcio; mas para investigar os fatos relacionados com o antigo calendário hebraico, virtualmente a única fonte de informação antes do século V da era pré-cristã é a Bíblia. Além disso, as declarações relativas a este tema são escassas o desconexas, e nalguns casos não de todo claras.

O Calendário de Noé

O primeiro calendário acerca de que podemos ter provas bíblicas deve haver sido solar, em conformidade com as informações do dilúvio (Gên. 7:11, 24 e 8:4). A chuva começou no dia 17 do segundo mês, e as águas prevaleceram durante 150 dias, depois do que a arca repousou sobre o monte Arará, no dia 17 do sétimo mês. Pôsto que este período abrange exatamente cinco meses, perfazendo o total de 150 dias, que se estendem do dia 17 do segundo mês ao dia 17 do sétimo, pode deduzir-se, então, que cada mês estava formado de trinta dias; do que se deduz que não pode haver existido nesse calendário meses de 29 dias. Esta observação levou muitos eruditos a crer que o calendário de Noé era solar e constituído de meses de 30 dias, com alguns dias intercalares no fim dos doze meses, como no caso do calendário egípcio (1).

Uma família de êxito deve trabalhar, amar, divertir-se e adorar a Deus. Ao ser desfeito esse equilíbrio, de alguma forma ficará interrompido o seu desenvolvimento. Se alguém se comporta com seriedade continuamente, esta perde finalmente todo significado. Mantêm os macacos aparência de seriedade, mas, em geral, estão sérios por sentirem grande coceira. Experimental seriedade por coisas importantes é mais importante do que simplesmente estar sério.

A saúde mental e emocional, tanto como a física, são determinadas por uma vida equilibrada. Sobre cada pessoa pesa a obrigação de organizar um plano equilibrado de atividades sociais e da prática de recreações.

Pensaram outros que a evidência indicava um ano lunar. O raciocínio empregado para chegar a esta conclusão é o seguinte: O dilúvio começou no dia 17 do segundo mês, no ano 600 de Noé (Gên. 7:11), e durou até ao 27º dia do segundo mês do ano 601 desse patriarca (Gên. 8:13 e 14), totalizando um ano e dez dias. Em vista de o ano lunar ser uns dez dias mais curto que o solar, pensa-se que o dilúvio deve, portanto, haver durado um ano lunar, mais dez dias, o que equivale a dizer, um ano solar. Esta última opinião, ou seja, que o período total do dilúvio foi de um ano solar, parece encontrar apoio na tradução do Velho Testamento, conhecida por Setuaginta. Seus tradutores, que viviam no Egito, onde estavam familiarizados com o ano solar egípcio, parecem refletir a tradição de que o dilúvio durou um ano, pois fixam a data inicial desse acontecimento no dia 27 do segundo mês, em lugar do no dia 17 (2).

Por motivo da escassez de provas quanto a esse período primitivo, impossível se torna dizer mais, acerca do calendário empregado no tempo de Noé, do que as poucas reflexões que acabamos de anotar. Devemos, porém, assinalar que não existe a mínima prova de que Noé ou os judeus de qualquer época hajam tido um calendário de 360 dias, que pudesse servir de base para o ano profético desta longura (3).

É possível que a base do ano profético de doze meses de trinta dias seja a mesma que a do calendário esquemático babilônio, empregado com propósitos comerciais e burocráticos. Este ano burocrático de 360 dias existia paralelamente com o verdadeiro calendário lunar, com sua seqüência irregular de 29 e 30 dias. Este calendário simplificado com propósitos burocráticos tornou-se muito útil, tanto para computar o passado como o futuro, pôsto que eliminava a necessidade de manter um registro exato da longura real de cada mês. É possível verificar a longitude dos meses no que tange ao passado, mas não no que se refere ao futuro, senão até muito mais tarde no desenvolvimento da astronomia babilônia. Portanto, durante muitos séculos foram redigidos contratos e calculados rendas e juros em relação ao futuro, sem tomar em conta a longura real de cada ano, mas com base no calendário burocrático de 360 dias cada um (4). Foi êle empregado meramente como um sistema uniforme para expressar em forma ordenada datas relacionadas com o futuro. Ao chegar o momento de cumprir o contrato, naturalmente era êle ajustado à data verdadeira do calendário lunar.

Mesmo no presente empregam-se meses teóricos de trinta dias cada um para calcular juros, e é possível que os judeus, dotados de senso prático, houvessem tido um calendário burocrático ideal, semelhante a este, completamente independente de seu calendário real. Não obstante, não existe prova alguma de um calendário tal entre os judeus,

a não ser que o calendário profético de 360 dias seja tomado como prova da existência de um sistema tal entre eles.

Moisés Reforma o Calendário

Não se sabe que tipo de calendário empregavam os hebreus no Egito, antes do êxodo. É possível que tenham empregado o calendário egípcio com seu dia de ano novo que, com o correr do tempo, migrava por tôdas as estações do ano, ou que houvessem preservado o calendário cananeu, que parece haver sido lunar, e que deve haver começado no outono. Sômente sabemos por Êxo. 12:2, que Moisés recebeu ordem divina no sentido de fixar o começo do ano no mês em que devia ocorrer o êxodo (Núm. 33:3), ao qual, no capítulo 13, v. 4, é dado o nome de *Abib*. *Abib* significa "o mês das espigas," porque o trigo granava nessa época do ano. Esse mês (melhor conhecido pelo nome que recebeu depois do cativoiro, isto é, Nisã) caía grandemente em fins de março e começos de abril, pôsto que, na Palestina, a colheita da cevada não começava antes de abril.

De várias declarações bíblicas podemos deduzir que o ano, no período mosaico e pós-mosaico, era lunar. As leis mosaicas faziam previsão para apresentar ofertas na época do começo do "mês" ou "lua nova" (5), dando significação especial a êste dia (Núm. 28:11-14; 10:10). Que o dia da lua nova era o primeiro dia do mês no tempo de Saul, torna-se evidente ao ler-se I Sam. 20:24 e 27, onde se nos diz que o dia seguinte ao da "lua nova" quando se estava celebrando o festim real, recebeu o nome de "o segundo dia da lua nova." Assim, o calendário hebraico, a partir de Moisés, em diante, sem dúvida foi lunar.

Da lei relativa à festa da Páscoa deduzimos que os judeus devem haver empregado um sistema de intercalação mediante o qual punham o seu ano lunar em harmonia com o ano solar natural, o que se torna evidente ao estudar a lei relativa à Páscoa. Esta lei requeria que esta festa se mantivesse imutável em meados do primeiro mês (Lev. 23:5), mas também estava relacionada com a colheita da cevada, pois eram requeridas ofertas de molhos das primícias (Lev. 23:10 e 11). Dêste modo, provavelmente o calendário era corrigido pela inserção de meses embolismais quando se necessitava de que a Páscoa ocorresse no começo da colheita da cevada.

O Ano Civil

A nova ordem, que fixava o começo do ano na primavera, implica em que o ano dos israelitas deve haver começado antes disso em outra época, provavelmente no outono. Se bem seja certo que desde então o ano "eclesiástico" ou "sagrado" começava sempre na primavera, através de tôda a história da nação hebraica, pode demonstrar-se a existência de outra espécie de calendário, chamado aqui "ano civil," com base numa quantidade de provas bíblicas e extrabíblicas. Isto é confirmado pelo historiador Josefo, que registra a tradição judaica acerca dêste ponto, tal como existia no primeiro século da era cristã. Depois de citar um antigo sistema de cômputo para começar o ano no outono, prossegue:

"Moisés, entretanto, assinalou o mês de Nisã, ou seja, Xanticus (6), como o primeiro mês das festividades, porque nesse mês tirou os hebreus do Egito; também assinalou êste mês como o começo do ano para tudo quanto se relacionasse com o culto divino, mas para comprar e vender, e outros assuntos comuns, reservou o antigo calendário" (7).

Este calendário de outono a outono provavelmente se harmonizava com os que estavam em uso entre os habitantes da Palestina antes de que os israelitas chegassem, e é possível que o tenham adotado os patriarcas e os judeus depois da conquista de Canaã (8).

Observou-se que o clima e as estações na Palestina contribuem para que o começo do ano no outono seja natural. Êste é o fim do verão sêco e câlido, quando durante vários meses tudo estêve morto e estéril. Ao cairem as primeiras chuvas, surge nova vida, e é natural começar o ano nesse momento (9).

Uma quantidade de expressões hebraicas apoiam êste asserto. A palavra *tequpha* é usada três vezes como termo cronológico no Velho Testamento. Significa "rotação" e origina-se do verbo *naqoph*, que significa "fazer um círculo" ou "rodear". Em I Sam. 1:20, a palavra denota o término da gestação de Ana e, na versão da Bíblia Trinitária, lemos "na revolução do tempo", expressão traduzida na versão brasileira: "Tendo passado o período", para indicar que o número regular dos dias de sua gestação se havia completado. Em Êxo. 34:22 e II Crôn. 24:32, a palavra *tequpha* foi traduzida respectivamente, "no fim do ano" e "no decurso de um ano" pôsto que todo o ano havia feito uma rotação ou revolução completa, e começava um ano novo. O passo paralelo de Êxo. 34:22 encontra-se no capítulo 23:16, onde a palavra "saída" foi traduzida da palavra hebraica *se'ih* (infinitivo de *yasa*, no modo construtivo) que significa "o surgimento". Êstes versículos falam das festas que haveriam de celebrar-se no sétimo mês do ano eclesiástico e revelam-nos claramente que ocorriam no fim do ano, o que não pode referir-se ao ano eclesiástico, cujo começo caía na primavera. Os versículos mencionados devem referir-se, sem dúvida, ao começo do ano civil (10).

Outro termo cronológico hebraico é a palavra *teshubah*, que significa literalmente o "regresso". Essa expressão é empregada em II Sam. 11:1; I Reis 20:22 e 26; I Crôn. 20:1, e II Crôn. 36:10. Pode traduzir-se corretamente I Reis 20:22 e 26 por "no regresso do ano". A tradução constante de outros passos, tal como a encontrada em II Sam. 11:1 "tendo decorrido um ano", são mais interpretações que traduções. Em algumas versões, a nota marginal indica que êsses versículos rezam, em hebraico, "ao voltar o ano". Apesar de os eruditos não estarem concordes na interpretação desta palavra quando se refere ao ano (11), a explicação mais plausível consiste em considerá-la uma expressão que indica um ponto especial do ano que se encontrava situado na metade do caminho, por assim dizê-lo, entre seu começo e seu fim. A palavra *teshubah* origina-se da hebraica *shub*, que significa "tornar", da mesma maneira que a palavra portuguesa "retornar" deriva do verbo "tornar". Isto não significa nem o começo nem o fim de determinado período ou viagem, mas o ponto de retorno. As campanhas militares, às quais êstes versículos se referem, geralmente começavam na primavera, se-

gundo no-lo ensinam muitos documentos antigos. Isto nos revela que a primavera era considerada o ponto culminante, que se encontrava entre o começo e o fim do ano, o que nos indica que o outono era o começo do ano civil.

O Calendário Civil de Salomão

Da época de Salomão chega-nos outra prova de que o ano civil começava no outono e terminava no outono seguinte. Em I Reis 6:1, 37 e 38, diz-se que a obra do templo de Salomão começou no segundo mês do quarto ano do rei e terminou no oitavo mês do undécimo ano de Salomão, havendo sido empregados na construção, sete anos.

Quando no Velho Testamento se enumeram os meses, isso sempre é feito a partir de Abib, ou Nisã, sem tomar em consideração se o cômputo do ano começa com a primavera ou com o outono. Se um ano começava com Ethan (mais tarde Tishri), este sétimo mês do ano eclesiástico nunca era enumerado como o primeiro mês do ano civil, embora o fosse, mas sempre conservava o seu número sete. Um ano civil que começava no outono, iniciava-se pois com o sétimo mês, e tinha seu décimo-segundo mês por volta de meados do ano, e terminava com o sétimo (12). Daí que se dois acontecimentos fossem datados do sexto e sétimo meses do mesmo ano régio, significava que o ano começava com o último mês, como entre os babilônios, e que o sétimo mês seguia o sexto no mesmo ano calendário. Se, não obstante, dois acontecimentos sucessivos eram datados do nono e do último mês do mesmo ano régio, como ocorre por exemplo em Nee. 1 e 2, no calendário empregado neste caso não se usa o último mês como começo do ano novo.

Os intervalos que começam com um acontecimento, geralmente são computados por meio do aniversário dessa ocorrência, e não pelo ano calendário, tal como ocorre com os anos régios (13). Portanto, os sete anos empregados na edificação do templo devem ser computados a partir da data do começo da construção, e não do começo do ano.

Ao computar o tempo incluíam-se geralmente a primeira e a última unidade do período, quer fossem completas quer não. Este método é conhecido pelo nome de "cômputo inclusivo." Um exemplo dentre os vários de seu emprêgo na Bíblia encontramos-lo em II Crôn. 10:5 e 12. Embora Roboão houvesse pedido ao povo que tornasse "daqui a três dias", "veio pois Jeroboão, e todo o povo a Roboão, no terceiro dia." Para nós, essa maneira de computar o tempo seria tão estranha como se, numa segunda-feira, pedíssemos a alguém que voltasse depois de três dias, e o vissemos comparecer perante nós na quarta em lugar de na quinta-feira quando o esperávamos. Para os antigos hebreus, bem como para muitos outros povos da antiguidade (14), o "cômputo inclusivo" era um método empregado comumente para calcular o tempo (15).

Se os anos régios de Salomão começavam na primavera (com Nisã), e coincidiam com o ano eclesiástico, então a construção do templo deve haver durado oito anos, em lugar de sete, tal como o demonstra a figura 2. Somente se deduzirmos que seu ano régio começava no outono (com Tishri) e que o mês segundo de seu quarto ano régio caía mais ou menos em metade do ano a partir do ano novo civil, podemos harmonizar as datas diferentes que nos fornecem os versículos mencionados (16).

[Na página 11 encontrará o leitor os diagramas que nos permitem ver, com toda a clareza, que espécie de calendário empregavam os hebreus, à luz dos dados cronológicos da Bíblia, no tocante à reconstrução do templo salomônico. Torna-se evidente que os hebreus tinham dois calendários: um religioso, de primavera a primavera, e outro civil, de outono a outono. — N. do T.]

O Calendário de Gezer

Do mesmo século X, A. C., em que reinou Salomão, temos provas arqueológicas da existência de um calendário de outono a outono que teria estado em vigência na Palestina. Chega-nos sob a forma de um ladrilho de barro descoberto por MacAlister durante as escavações que praticou na cidade palestina de Gezer (17). Seu texto foi admiravelmente explicado por W. F. Albright (18) no sentido de que abarcaria todo o calendário palestino, e apresentamos aqui sua tradução com algumas considerações adicionais (19):

"Seus dois meses são os de colheita (de azeitona) (set^o-nov^o.); seus dois meses são os de sementeira do grão (nov^o-jan^o.); seus dois meses são os de plantação tardia (jan^o-março); seu mês é o de carpir o linho (março-abril); seu mês é o da colheita da cevada (abril-maio); seu mês é o da colheita e festividade (do trigo) (maio e junho); seus dois meses são os do trato das vinhas (jun^o. e ag^o.); seu mês é o das frutas do verão (ag^o. e set^o.).

O Calendário do Reino de Judá

Que o calendário de outono a outono permaneceu em uso no reino de Judá depois do tempo de Salomão através de seus três e meio séculos de existência, demonstra-o cuidadosa análise de todos os documentos cronológicos relacionados com este capítulo. Os anos régios e os sincronismos contidos nos livros dos Reis e Crônicas, só se pode conseguir que harmonizem se se toma em consideração um calendário de outono a outono como base de todo o cômputo civil no reino de Judá (20).

A existência de tal calendário durante a época do rei Josias pode ser demonstrada sem muita dificuldade. II Reis 22:3 diz-nos que esse rei iniciou sua obra de reparações no templo, no ano 18^o. do seu reinado. Descobrimos, então, que se cumpriu essa ordem e foram entregues fundos aos obreiros que faziam as reparações. Durante essas atividades foi encontrado no templo o livro da lei. Depois de lido perante o rei, e mais tarde na presença dos anciãos, tomaram-se medidas para pôr em prática as instruções nele encontradas. Josias destruiu todos os lugares dedicados à idolatria, primeiramente em Jerusalém e em seus arredores, e mais tarde no resto de seu reino, desde Geba até Berseba, e finalmente estendeu suas atividades reformadoras à província assíria vizinha de Samaria. Depois de realizar tudo quanto aqui mencionamos sucintamente, celebrou-se a Páscoa no ano 18^o. do seu reinado. (II Reis 23:23.) Celebrou-se a Páscoa no 14^o. dia do mês da primavera (Lev. 23:5) chamado Nisã, que era o primeiro do ano eclesiástico. Se Josias houvesse começado o cômputo de seu ano 18^o. a partir de Nisã, só lhe teriam restado duas semanas, entre o começo da reparação do templo e a celebração da Páscoa, para cumprir todas as atividades descri-

tas em II Reis 22 e 23. Visto ser claro que é absolutamente impossível fazer tantas coisas em período de tempo tão exiguo, pode deduzir-se que o ano 18º. começou antes de 1º. de Nisã, o que equivale a dizer, em 1º. de Tishri. Neste caso, disporia o rei de mais que seis meses para levar a cabo as atividades já mencionadas. Já há muito tempo reconhecem os eruditos que as declarações encontradas em II Reis 22 e 23 indicam a existência de um ano que se iniciava no outono, para terminar no outono seguinte (21).

O estudo dos registos anteriores ao cativo demonstra-nos que, além de um possível calendário solar usado no tempo de Noé, devem os hebreus haver empregado um calendário lunar. Também é evidente que Moisés introduziu um ano religioso que começava com a primavera, sem, porém, abolir o ano civil existente, que começava no outono, e que os anos régios dos reis de Judá eram computados em conformidade com o calendário civil de outono a outono, desde o tempo de Salomão até o fim do reino de Judá.

- (1) Para exemplo, ver vários comentários de Gênesis 7 e 8, como *The Pulpit Commentary*, que cita Ewald, *The International Critical Commentary*, e Keil e Delitzsch.
- (2) Esta data encontrada na Setuaginta é uma das nomeadas variações encontradas nessa tradução, no tocante ao texto hebraico. Tem certa coerência e parece haverem sido usadas como base da suposição de que o calendário de Noé era solar. As datas, segundo a Setuaginta, são as seguintes:
- 1) Comêço do dilúvio Dia 27º., 2º. mês, ano 600º.
 - 2) A arca repousa no Monte Arará Dia 27º., 7º. mês, ano 600º.
 - 3) Divisa-se o cume dos montes Dia 1º., 11º. mês, ano 600º.
 - 4) Vêm-se as águas Dia 1º., 1º. mês, ano 601º.
 - 5) A Terra interiormente seca Dia 27º., 2º. mês, ano 601º.

Os pontos principais são: Primeiro, a duração do dilúvio, de (1) a (5) é exatamente de um ano. Segundo, do comêço do dilúvio à sua culminação (1) e (2) houve 150 dias (Gên. 7:24), e os dois meses de duração entre (3) e (4) são explicados no capítulo 8:6-12 como quarenta mais três vezes sete dias, ou seja, um total de sessenta e um dias. Se, entretanto, o calendário solar egípcio fôsse a base das datas fornecidas pelos tradutores alexandrinos do relato diluviano, devem eles haver tomado em consideração os cinco dias epagomenais incluídos entre o décimo-segundo e os primeiros meses, e seu intervalo entre (3) e (4) deve haver sido de sessenta e cinco dias ou (se ambas as datas estão incluídas) sessenta e seis dias, em vez de sessenta e um. Mostra-nos isto, como em muitos outros casos, que as diferenças de cômputo da Setuaginta não significam de maneira alguma variantes essenciais do texto hebraico.

Vários comentários mencionam, em relação com a história do dilúvio, a circunstância de que doze meses lunares mais dez dias são aproximadamente equivalentes ao ano solar. Ver, por exemplo, Lange, *The Pulpit Commentary*, (com citações de Knobel); Kalisch, Skinner, no *International Critical Commentary*. Os eruditos judeus medievais diferiam neste ponto: Abraão Ibn Esdras diz que era um ano solar e dez dias, ao passo que Rashi diz que era um ano lunar e dez dias, que perfazem o total de um ano solar. Ver a nota sobre Gên. 8:14, em *Soncio Books of the Bible*.

- (3) Os três e meio tempos proféticos de Daniel e Apocalipse (Dan. 7:25; 12:7; Apoc. 12:12) foram considerados desde há muito, três e meio anos, geralmente computados como 360 dias, equivalentes aos 1200 dias (Apoc. 11:3; 12:6) e aos 42 meses (Apoc. 11:2; 13:5) de trinta dias cada um. Por este motivo, como derivação dos períodos proféticos, muitos expositores os chamam apropriadamente anos e meses proféticos. Alguns de nossos primitivos autores, entretanto, não familiarizados com o calendário lunar judeu,

explicaram que o ano de 360 dias era o ano calendário judeu. Não podemos, porém, culpá-los por isso, porque muitos outros autores que trataram dos assuntos proféticos fizeram o mesmo antes deles. Muitos notáveis expositores possuíam conhecimento do ano lunar judeu com seus meses de 29 e 30 dias, e por isso sem dúvida não calcularam o cômputo profético de 360 dias de nenhum ano calendário, mas da óbvia equivalência dos períodos proféticos de três e meio anos, com 1260 dias (Apoc. 12:6 e 14) e os quarenta e dois meses, com 1260 dias (Apoc. 11:2 e 3). Outros autores, porém, que conheciam bem esses dados, também se desviaram. G. S. Faber, em 1806, chama ao ano de 360 dias "o antigo cômputo" (*A Dissertation on the Prophecy... of 1260 Years*, Vol. I, pág. 4), e as autoridades subsequentes de fins do século XVIII e começo do XIX, consideraram os meses de 30 dias e os anos de 360 dias como o cômputo judeu: Tomás Newton, *Dissertations on the Prophecies*, dissertação 14, pág. 192; Eduardo Biekersteth, *A Practical Guide to the Prophecies*, pág. 135; George Croly, *The Apocalypse*, pág. 161; William Cunningham, *A Dissertation on the Seals and Trumpets... and the Twelve Hundred and Sixty Years*, pág. 115; *Encyclopædia of Religious Knowledge*, artigo *Mês*, de Fessenden and Co. Diz a última obra mencionada que os judeus tinham um ano de 365 dias, como os egípcios, com um mês intercalar cada 120 anos.

A idéia de um ano calendário judeu de 365 dias e $\frac{1}{4}$, reflete a opinião de antigos eruditos, tais como Scaliger (1583) e Funk (1570), que atuaram numa época em que era ainda muito rudimentar o conhecimento da cronologia antiga e dos calendários. Ussher (1650) conserva esta opinião, ao passo que Prideaux (1719) discorda, sustentando que os judeus trocaram este tipo de calendário (o que ele atribui de maneira errônea igualmente aos caldeus e persas) por um calendário lunar com um mês intercalar.

A confusão do ano profético com um calendário judeu não existente ilustra o perigo de seguir autoridades arcaicas.

- (4) O. Neugebauer, *The Origin of the Egyptian Calendar*, FNES, 1 (1942), págs. 400 e 401.
- (5) A palavra *Chodesh*, provém da raiz *chadash*, que significa "renovar", tendo como primeira acepção "lua nova" e, em segunda, "mês". (Ver a edição do dicionário hebraico de Gesênio, por Brown, Driver e Briggs.) *Chodesh* tem o mesmo significado em fenício e em hebraico. (Ver Zellig Harris, *A Grammar of the Phœnician Language*, pág. 100.)
- (6) Xanthicus é um dos nomes que os macedônios davam a um de seus meses, e que foi usado mais amplamente no mundo oriental durante os períodos grego e romano.
- (7) Josefo, *Antiguidades*, 1, 2 e 3 (Ed. Loeb).
- (8) Que o calendário civil hebraico correspondia ao cananeu pode ser demonstrado primeiramente porque ambos começavam no outono (Langdon, *op. cit.*, pág. 24), e que dois dos quatro nomes de meses anteriores ao cativo, mencionados no Velho Testamento, encontram-se em inscrições onde é dito que são cananeus.
Abib: 1º. mês. (Exo. 13:4; 23:15; 34:18; Deut. 16:1.)
Zif: 2º. mês. (I Reis 6:37.)
Ethanim: 7º. mês. (I Reis 8:2.)
Bul: 8º. mês. (I Reis 6:38.)
Para encontrar as referências a inscrições fenícias em que são mencionados os meses Ethanim e Bul, ver Harris, *op. cit.*, págs. 84 e 87.
- (9) Franz M. Th. Böhl, livro revisado por Gustaf Dalman, *Arbeit und Sitte in Palästina*, Vols. I e II, em *Archiv für Orientforschung*, Vol VIII, pág. 245 (1.932.033).
- (10) Brown, Driver e Briggs explicam a palavra *tequphu* como a dizer-nos que significa "em circuito (rotação completa) do ano". A 17ª. edição de Gesênio a traduz como "a rotação do ano," i. é, o equinócio vernal. A edição Tregelles do mesmo dicionário, interpreta-a como "depois do curso de um ano," ao passo que o Dicionário Hebraico, de Fuerst a dá como o "lapso de um ano." Os comentaristas têm a mesma explicação, das quais pode dar-se como exemplo a nota textual de Madson, em *The International Critical Commentary*, sobre II Crôn. 24:23, onde diz "ao rodear, circular, i. é, ao completar o ano."

- (11) Brown, Driver e Briggs traduzem o termo *teshubah* como "o regresso do ano, isto é, a primavera," sem dizer que coincidia com o fim do ano. Curtis e Madsen não se comprometem em *The International Critical Commentary*, sobre II Crôn. 36:10; mas, em seu comentário sobre I Crôn. 20:1, diz Lange: "Ao terminar o ano, na época em que os reis saem, na primavera, como o momento mais adequado para reinaugurar a campanha," e sobre I Reis 20:22, é dito que significa "com o começo do ano seguinte."
- (12) À primeira vista parece estranho que os judeus pudessem haver dado o nome do primeiro mês de um determinado calendário ao "sétimo," mas prática semelhante seguem presentemente muitas firmas comerciais que usam o ano fiscal que, em muitos casos, começa com o nosso sétimo mês, a saber, 1º de julho, e termina em 30 de junho. Também os judeus da atualidade continuam empregando um calendário que começa com seu sétimo mês, Tishri, e o têm em uso há muitos séculos. Além disso, este aparente costume contraditório de dar o nome do primeiro mês ao "sétimo" encontra seu paralelo em um procedimento similar, seguido desde o tempo dos romanos até ao presente, ou seja, o de designar o nono mês dos calendários juliano e gregoriano pelo nome de "setembro" que significa literalmente "sétimo mês", o décimo mês "outubro", que significa "oitavo mês", etc.
- (13) O exemplo da construção do templo de Salomão que apresentamos aqui, fornece a prova mais potente em favor da correção desta declaração, pois não é conhecido outro sistema de cômputo que leve à solução das datas citadas aqui como no texto mencionado. Outra prova para a existência de um cômputo com base nos aniversários, pode ver-se em que certos feriados eram dias rememorativos ou aniversários de dias notáveis, como a Páscoa, por exemplo, celebrada cada ano no dia em que havia ocorrido o êxodo (Êxo. 13:3-8), ou a festa do Purim nos dois dias do libertamento dos judeus dos planos sinistros de Amã (Ester 9:27).
- (14) Para encontrar exemplos gregos e romanos, ver H. J. Rose, *Calendar: Greek Roman, Encyclopaedia Britannica* (1915), Vol. IV, págs. 578 e 579; ver, em um dicionário enciclopédico, as definições de derivados tais como *pentélico*, *oitava*, *terciário*.
- (15) Outros exemplos bíblicos de cômputo inclusivo são: II Reis 18:9 e 10; comparar Lev. 12:3 com Gên. 17:12; S. Mat. 16:21 (também 17:23; 20:19) com S. Mat. 26:61; 27:63 e 12:40, às quais o mesmo autor se refere ao mesmo intervalo como "ao terceiro dia", "em três dias", "depois de três dias", e "três dias e três noites" (ver também, os versículos em outros Evangelhos relativos ao período da crucifixão e à ressurreição). Quanto ao cômputo inclusivo, ver Thiele, *op. cit.*, pág. 31.
- (16) Thiele, *op. cit.*, págs. 30 e 31.
- (17) O último e mais pormenorizado exame do problema relacionado com o calendário de Gezer foi feito por Albright, *The Gezer Calendar*, BASOR, 92, (dezembro de 1943), págs. 16-26.
- (18) Albright segue eruditos tais como Vincent, MacAlister, Dalman e outros. (*Idem*, pág. 24.)
- (19) Albright das traduções das páginas 22 e 23 com notas referentes a que meses se aplica nas notas 30, 32, 37 e 38.
- (20) Thiele, *op. cit.*, págs. 32 e 33. Pode mencionar-se aqui que o calendário civil de primavera a primavera foi implantado aparentemente no reino de Israel por Jeroboão I, quando as dez tribos se separaram de Judá. Ao deduzir a existência de um calendário em Israel, diferente do de Judá, pode obter-se harmonia entre as diversas datas fornecidas pelos livros de Reis e Crônicas. (Ver Thiele, *op. cit.*, pág. 33.) O costume dos habitantes do reino do norte não tem relação com o tema que estamos estudando entretanto, porque a cronologia dos judeus posteriormente ao cativo, continuou com o costume dos habitantes do reino sulino de Judá. Portanto, o mero reconhecimento da existência de um calendário diferente em Israel, é suficiente.
- (21) Thiele, *op. cit.*, pág. 32. Esta Páscoa é citada como uma prova de um calendário hebraico anterior ao cativo que começaria na primavera; a citação é feita por Júlio Wellhausen, em *Prolegomena to the History of Israel*, tradução de J. S. Black e Allan Menzies, Vol. I, pág. 108. Muitos outros eruditos alemães, em favor de um ano de outono a outono, que teria predominado antes do cativo; ver W. O. E. Oeserley e Teodoro H. Robinson, *A History of Israel*, Vol. II, pág. 20; Adolfo Lods, *Israel From Its Beginnings to the Middle of the Eight Century*, tradução de S. H. Hooke, pág. 436.

Os aniversários da construção do templo teriam somado oito, se os anos régios de Salomão houvessem começado na primavera, (1º. de nisã):

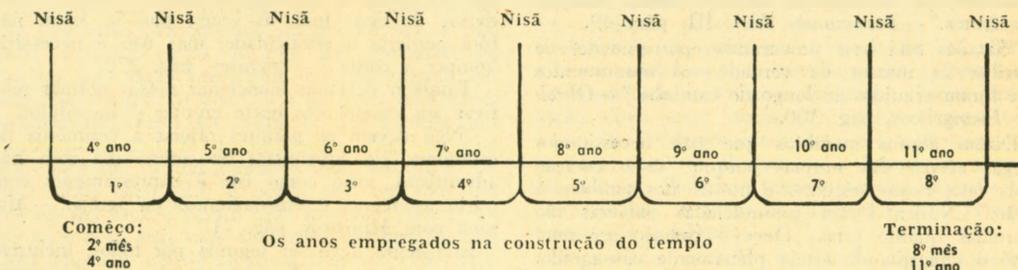


FIGURA 1

Seriam sete, porém, se os anos régios de Salomão houvessem começado no outono (1º. de tishri):

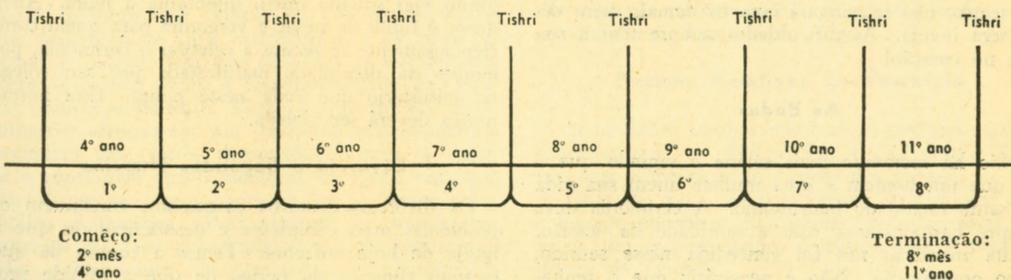
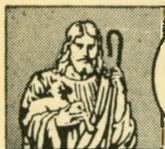


FIGURA 2



OBRA PASTORAL

Obra, Vocação e Responsabilidade Pastorais — II

R. R. BIETZ

(Presidente da Associação do Sul da Califórnia, EE. UU.)

Normas da Igreja

O GRUPO de obreiros de uma Associação pode fixar o nível espiritual desta. Não constitui segredo que há membros da igreja que não estão muito interessados em manter as elevadas normas da organização. Em uma grande Associação e num território que comporte muitas cidades importantes, nossa responsabilidade deve ser tomada muito a sério. A atração do pecado é talvez mais fascinante ali do que em qualquer zona rural. O pecado é pecado, certamente, em qualquer parte, mas no ambiente das grandes cidades ele se concentra de maneira especial. Devido a isto, aumenta a nossa responsabilidade de imprimir forte direção espiritual a toda a irmandade. Cremos que os membros da igreja se deixarão guiar por essa decidida direção espiritual.

“Se os obreiros os não desanimam inteiramente [aos irmãos] repreendendo-os por sua indolência e ineficiência e por sua falta de espiritualidade, geralmente atenderão a todo apelo que lhes é dirigido à mente e à consciência. Mas os irmãos desejam ver frutos.” — *Testimonies*, Vol. III, pág. 49.

“Satanás está hoje procurando oportunidades de derrubar os marcos da verdade — os monumentos que foram erguidos ao longo do caminho.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 100.

Dizem alguns membros que não necessitamos pregar acerca das normas porque “se o coração anda reto, nosso vestuário e nossos atos também o serão.” Nunca foram pronunciadas palavras tão acertadas quanto estas. Deve o coração ser reto, e só o será quando esteja plenamente consagrado. O coração verdadeiramente convertido não se evadirá a uns quantos “faze” e “não faças” que a igreja imponha. Se o coração anda reto, apoiará as normas e não criará problemas por não querer abandonar as jóias ou continuar freqüentando cinema ou teatro, não se zangará com os demais, nem deles terá inveja. As dificuldades sempre têm a sua raiz no coração!

As Bodas

Não há momento mais solene e sagrado que o em que um homem e uma mulher unem sua vida no santo estado do matrimônio. A cerimônia deve sempre harmonizar-se com a santidade da ocasião. Muita instrução nos foi concedida nesse sentido, como organização. Não é necessário que o repitamos aqui; mencionamo-lo apenas para estimular

a que em harmonia com ela celebremos esse rito.

Tememos às vezes que a festa que se segue à cerimônia não esteja em conformidade com as normas cristãs. Talvez o ministro não tenha ali plena autoridade, mas sua presença pode exercer boa influência. Não deve ele ser “a alma da festa”. Se se converte em um “convidado comum”, as pessoas perderão nele a confiança. Se, por outro lado, resvala para o extremo oposto, tornando-se num “desmancha prazeres”, ninguém quererá estar com ele. Mas se é homem de espírito vivaz, alegre mas não humorista, todos estarão contentes de que esteja presente. Todos o quererão, porque imprimirá certa dignidade à festa.

Disse Spurgeon: “Um policial ou soldado pode estar fora de serviço; o pastor nunca. Qualquer que seja o lugar em que nos encontremos, ali estará o Senhor para formular-nos esta pergunta: ‘Que fazes tu aqui, Elias?’ E devemos poder responder em seguida: ‘Tenho alguma coisa que fazer aqui por Ti, e estou tratando de fazê-la.’ Deve o arco deixar de estar teso, às vezes, pois se assim não fôra perderia a elasticidade; mas não é necessário ‘romper a corda’.” — *Lectures*, pág. 270.

Também devemos mencionar nossas normas relativas aos casamentos entre crentes e incrédulos.

“Não devem os pastores officiar a cerimônia do casamento de adventistas do sétimo dia com não adventistas, visto como isto é expressamente contrário às regras e ensinamentos da igreja.” — *Manual para Ministros*, pág. 71.

Esta regra deve ser seguida por todos, inclusive pelos aposentados. Tem acontecido que um pastor procede conscienciosamente em plena harmonia com esta regra, só para escutar uma frase como esta: “Conhecemos um pastor adventista que nos casará.” Semelhante declaração certamente deixa muito mal situado quem quebranta a regra. Além disso, é fonte de pesar e vergonha para quem conscienciosamente se recusa a celebrar a cerimônia, por motivo da debilidade manifestada por seu colega no ministério que cede neste ponto. Esta norma nunca deverá ser violada.

Divórcio e Segundas Núpcias

Os divórcios e novos casamentos constituem os problemas mais complexos e desorientadores que a igreja de hoje enfrenta. Temos a certeza de que estamos cômicos do perigo de que a atitude profana que o mundo manifesta no tocante ao contrato

matrimonial influi de maneira tal sobre a igreja que, mesmo os adventistas, são às vezes atingidos pelas normas decadentes de nosso tempo.

De conformidade com os nossos estatutos e regulamentos denominacionais, o divórcio, embora seja sempre um acontecimento trágico, é permitido sob certas circunstâncias. Assim ocorre, também, com as segundas núpcias da parte inocente. Ao permitir que o cônjuge inocente contraia novas núpcias, admitimos que o vínculo matrimonial pode ser anulado. Se por motivo de adultério de uma ou outra parte fica anulado o vínculo matrimonial, deduz-se logicamente que mesmo que o membro culpado torne a casar-se não continuará vivendo em adultério permanentemente. Reconhecedora disto, e em cumprimento da divina missão de salvar os perdidos, a igreja, providência para que se reincorpore plenamente em seu seio o próprio membro culpado, mediante a condição de que manifeste arrependimento por espaço de tempo mais ou menos longo, e rebatize-se. O "Manual da Igreja" apresenta com muita clareza este assunto fundamental:

"Por conseguinte, no caso em que o esforço feito por um pecador genuinamente arrependido, para normalizar o seu estado matrimonial e pô-lo em conformidade com o ideal divino, apresente problemas aparentemente insuperáveis, o pedido que a pessoa faça para ser readmitida na igreja, antes de ser objeto de resolução final por parte da mesma, será, por meio do pastor ou do diretor distrital, submetido à comissão executiva da Associação, para pedir conselho e recomendação sobre qualquer possível providência que deva tomar a pessoa ou pessoas arrependidas, antes de sua aceitação.

"A readmissão na igreja, de quem tenha sido excluído pelos motivos constantes dos incisos anteriores, dar-se-á com base em novo batismo. — Pág. 271.

Esta atitude, de qualquer modo, criou problemas que estão preocupando seriamente nossos pastores. Estamos certos de que há centenas de obreiros que estão meditando cuidadosamente em todo este assunto do divórcio e de novo casamento. Pessoalmente, creio ser ainda preciso fazer-se um estudo mais acurado do problema. Algo há que todos sabemos: o matrimônio é uma instituição divina. Este pacto não é aceito por um dia, um mês ou um ano; é para a vida inteira. "Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem." (S. Mat. 19:6.)

Todo ministro de Deus tem a obrigação de pôr ênfase, muitas vezes, sobre a importância deste contrato que é para a vida toda. Não mantemos demasiado silêncio a esse respeito em nossas pregações? Sabemos que muitos há em nossas igrejas que desfizeram os laços matrimoniais e de novo casaram-se. Talvez tenhamos ferido os sentimentos. Entretanto, não temos a responsabilidade de "educar, educar e educar?" Certo é que muitas denominações afrouxaram sua disciplina matrimonial, e permitem que casais divorciados tornem a casar-se e continuem sendo membros da igreja sem que seus dirigentes façam muito no que se refere à disciplina eclesiástica. Possivelmente se sintam impotentes em face das condições sociais imperantes. Mas, permitiremos nós que nos arraste também a nós esta mesma condição de relaxamento? Duvido

de que possamos fugir à nossa responsabilidade, dizendo: "Não podemos fazer coisa nenhuma nesse sentido." Não é nossa responsabilidade o dar aos nossos membros um conselho amistoso e cheio de simpatia, mas ao mesmo tempo firme? Deveria a igreja saber que nós cremos que o contrato matrimonial é permanente e que não deve ser desfeito.

A atitude superficial de alguns de nossos ministros no tocante a este problema é alarmante. É evidente que há quem considera lícito relacionar-se até certo ponto com a esposa de outro homem, ou com o esposo de outra mulher. Dizem-se eles: "Não há perigo enquanto o homem saiba onde traçar a linha divisória." Esse raciocínio manifesta uma trágica falta de compreensão, não somente da moral cristã, mas também do plano divino para o lar. Toda a instrução que possuímos na Bíblia e no Espírito de profecia nos mostra que esse procedimento é profano. Semelhantes atitudes são sementes cuja colheita será armazenada nos já abarrotados moinhos do divórcio. Precisamos imprimir renovada ênfase à santidade do matrimônio e do lar. Devemos realçar que o ensino de Cristo acerca do matrimônio consiste em que essa união não é meramente formal ou legal, mas sim a fusão completa de duas vidas, de modo que o esposo e a esposa cheguem a ser "uma carne" ou, falando em linguagem mais moderna, "um só corpo".

"Buscai que a instituição divina do matrimônio permaneça perante vós tão firmemente quanto o sábado do quarto mandamento." — Sra. E. G. White, carta N^o. 8 de 1888.

A Observância do Sábado

Muitos de nossos obreiros de hoje em dia, pelo menos nos Estados Unidos, foram criados em lares adventistas em que o sábado era observado bastante estritamente. Muitos dentre eles se lembram de que era preciso lustrar os sapatos, tomar banho, etc, antes do pôr-do-Sol de sexta-feira. O sábado é observado de um a outro ocaso de Sol. Devemos ser cuidadosos na observância das extremidades do sábado em nosso lar e na igreja. Nossa conversação deve estar isenta de qualquer reprovação nesse dia. Podemos entusiasmar-nos tanto com nossa obra que até cheguemos a "construir igrejas" no sábado. Podemos surpreender-nos fazendo cálculos quanto ao preço da madeira e tudo fazendo, menos pôr o telhado.

Demasiado amiúde se perde tempo precioso anunciando na hora do culto reuniões sociais, horas de diversões, festas, filmes (alguns dos quais jamais deveriam ser exibidos). Quanta inspiração e elevação espiritual pode experimentar um pastor ou uma congregação quando, ao sermão, precede um vigoroso anúncio acerca de grande venda a ser realizada em determinado lugar...?

Normas Relativas ao Vestuário

As melhores normas relativas ao vestuário encontram-se em I S. Ped. 3:3 e 4: "O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorrutível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus."

No *Manual da Igreja*, lemos o seguinte:

"Nossos hábitos de vida devem alicerçar-se em princípios e não no exemplo do mundo que nos rodeia. . . . O vestuário é um fator importante no caráter cristão. . . .

"Devem os cristãos evitar a ostentação chamativa e 'o adorno profuso'. O vestuário deve, quanto possível, ser 'de boa qualidade, de côr que assente bem, e apropriado para o trabalho. Deve ser escolhido com vistas para a durabilidade, de preferência à ostentação.' Nossa roupa deve caracterizar-se 'pela graça, e beleza e a adaptação da simplicidade natural.' . . .

"Ensinam as Escrituras, com clareza, que o uso de jóias é contrário à vontade de Deus. 'Não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos', é a admoestação do apóstolo Paulo." — Págs. 224 e 225.

Nossa denominação não tem legislação definida no sentido de excluir da igreja a pessoa que usa adornos. Entretanto, a instrução citada é claríssima. Em verdade abona firmemente qualquer plano educativo que queiramos empreender na igreja neste sentido. Não devemos ter dificuldade algu-

ma para saber que conselho dar no caso; nem dar de ombros e permanecer em silêncio. Nosso conselho deve ser positivo e estar em harmonia com a instrução que temos na Bíblia e no Espírito de profecia. Que a igreja não tenha legislação definida no tocante a certos assuntos não significa que não tenhamos a responsabilidade de educar nossos membros.

Preocupa-nos enormemente ver como se vão "duplicando" as normas, por assim dizê-lo. Algumas pessoas não usam adornos duvidosos quando freqüentam a igreja, mas quando vistas na rua ou em alguma reunião social que compartilham com não adventistas, dificilmente são reconhecidas. Se o mundo fôsse tão cego quanto Isaque, quando Jacó o enganou, poderia desculpar. Mas o mundo tem olhos para ver! Conquistam os nossos irmãos desta maneira o respeito do mundo, ou expõem-se a ridículo? Vós mesmos amáveis leitores, podeis julgar. Tais adornos só são uma revelação de que existe um grande vácuo no coração e revelam uma falta de maturidade de caráter, que é verdadeiramente alarmante. Apontam para a necessidade de verdadeira ajuda espiritual.

O Trabalho Principal do Ministério Cristão

CARLYLE B. HAYNES

(Takoma Park, Maryland, EE. UU.)

ESTUDAMOS o assunto do chamado divino que comissiona os homens para a tarefa especial de embaixadores do Rei dos reis, sem cujo chamado nenhum homem deve sair a pregar. Consideremos, agora, o motivo de Deus chamar os homens para o ministério, o propósito para que são comissionados e consagrados, e a tarefa principal em que suas energias devem ser empregadas.

Vejamos primeiramente as palavras da comissão evangélica. Rezam elas, como as encontramos registradas por S. Marcos: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (S. Mar. 16: 15). A isto acrescenta Mateus a obra de ensinar os conversos a "guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado" seguidas do batismo no caso de crerem (28:20). Diz Lucas: "Em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" (24:47).

Na busca dos objetivos definidos do ministério cristão, acrescentarei a estes passos mais os seguintes: "Dos gentios, a quem agora te envio para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus: a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em Mim" (Atos 26:17 e 18). "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastôres e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Efés. 4:11-13). "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, e pôs em nós a

palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus" (II Cor. 5:18-20).

Assim como um colecionador de pedras preciosas abre seu cofre e examina detidamente uma após outra as pedras, examinemos nestes passos as declarações que apresentam o que aos ministros de Deus é encarregado que façam — os grandes objetivos do ministério cristão.

Devem eles ir a todo o mundo e pregar o evangelho. Seus conversos devem ser ensinados a observar todas as coisas que Cristo haja ordenado. Isto é, devem eles ser cabalmente instruídos e completamente doutrinados. O arrependimento e a remissão dos pecados devem ser pregados no nome de Cristo entre as nações. Os ministros cristãos são enviados para abrir os olhos dos homens, para voltarem-se das trevas para a luz, e do poder de Satanás para o poder de Deus, para que os pecadores recebam o perdão dos pecados, e, afinal, participem da herança dos salvos. Pelo trabalho do ministério os santos são aperfeiçoados, o corpo de Cristo é edificado; e isto deve ser prosseguido até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura de Cristo. O ministério da reconciliação foi confiado aos embaixadores de Deus, a fim de que, como representantes de Cristo, apelem a todos os homens para que se reconciliem com Deus.

Por mais que imaginemos, não podemos conceber modificação maior nem mais sublime do que a que o ministério cristão está destinado a produzir. Sua missão é uma modificação profunda e radical nas relações dos homens para com Deus. Para rea-

lizar isto tem que haver primeiramente uma modificação completa de caráter e vida individuais.

Um Instrumento Simples

Para a realização destas modificações estupendas que ao ministério cristão está destinado produzir, Deus supriu Seus embaixadores de um instrumento que Ele pretende que sempre usem, e nunca o abandonem em troca de outro substituto, por mais atraente e eficaz que pareça. Esse instrumento, porém, que é o instrumento principal para a realização do grande propósito do ministério, é tão simples, e aparentemente tão fútil, que existe a tentação constante de buscar outros instrumentos, de desvio da maneira de Deus fazer a Sua obra, e a adoção de métodos humanos e de meios de feitura humana.

O instrumento principal fornecido pelo próprio Senhor ao Seu ministério para a realização do grande objetivo do evangelho e das transformações por ele operadas, não é senão — a Palavra. Tem o ministro que entrar em contato com os homens, homens perdidos que precisam da salvação, por meio da verdade falada, e a fonte da verdade que deve transmitir é a Palavra de Deus.

O que o Mestre confiou aos Seus embaixadores é “a palavra da reconciliação” (II Cor. 5:19). Tal como o sementeiro, o ministro “semeia a palavra” (S. Mar. 4:14). Como pregador, prega “a palavra” (II Tim. 4:2). A palavra que prega é a “palavra da ... salvação” (Atos 13:26). Esta Palavra é a precursora da fé, bem como de todas as demais graças salvadoras. “A fé vem pelo ouvir, e o ouvir da Palavra de Deus” (Rom. 10:17). Assim, o ministro cristão não somente é um homem de Deus, mas é um homem enviado por Deus, enviado por Deus para falar por Deus o que Deus lhe dá para falar, para proclamar a mensagem de Deus, uma mensagem contida num livro, e esse Livro é a Palavra de Deus.

Assim, o grande instrumento do trabalho do ministro é tão somente a Palavra de Deus. Considere-mos isso. Uma “palavra”! Apenas uma “palavra”! Como parece fútil, fraco, débil! No entanto, quão poderoso! As palavras sempre têm exercido enorme influência e poder na História. “Onde existe a palavra de um rei, há poder”.

E a palavra de Deus é o maior dos poderes do universo. Foi pela palavra que o universo foi criado. Em toda a Bíblia a palavra do Senhor se destaca como a maior força do mundo. Em todo o tempo, Sua palavra por meio de Seus servos, tem sido o único supremo poder a controlar os homens. “A Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (Heb. 4:12).

O Instrumento Supremo

Tudo quanto o ministro tem que fazer entre os homens, centraliza-se na pregação da Palavra. Esta é a sua ocupação principal. Para isso é ele chamado, e escolhido, e enviado, e comissionado, e instruído, e equipado. Deve ser-lhe, sempre, a principal e mais importante de todas as transações e

esforços humanos. O seu esforço de toda a vida deve ser uma melhor, mais convincente mais eficaz pregação da Palavra.

Não importa que outros meios empregue a igreja para realizar os grandes designios de Deus, além das instituições e organizações, e da multidão de campanhas e esforços, e fundos, e alvos, que possam auxiliar a grande missão, sempre é verdade que a pregação é o instrumento supremo para a regeneração dos homens.

O fundador da igreja escolheu homens, instruiu-os, e enviou-os para serem pregadores. Tudo quanto lhes disse acerca de seu trabalho se centraliza na pregação da Palavra. Nenhum trabalho no mundo nem mesmo pode, por um momento fugaz, ser comparado em importância, em beleza, em perícia, nos resultados e nas satisfações permanentes, com a pregação do evangelho, assumindo o lugar de Cristo, falando a verdade de Cristo, revestido do espírito de Cristo, ensinando e persuadindo os homens a se reconciliarem com Deus.

Existe hoje perigo real na tendência para negligenciar a pregação. Muitas coisas cooperam para desprezá-la. Uma multiplicidade de atividades e esforços e campanhas exige tempo, atenção e energia. Mais fácil é planejar um entretenimento do que forjar um sermão. Mais fácil é administrar uma organização ou um programa do que preparar um grande discurso. Mais fácil é acionar uma complicada maquinaria humana do que transmitir uma mensagem divina.

Aos nossos ministros, quer estejam em serviço no campo ou em trabalho departamental, em trabalho administrativo ou de instituições, aos nossos estudantes ou aspirantes ao ministério apelo para que dêem atenção especial à pregação. Fazei dela a feitura e o motivo principais de vosso trabalho. Ponde mais empenho na pregação do que em outra coisa. Dai à pregação o melhor que possuis.

Infelizmente, tem havido entre os ministros quem acha difícil crer que esses tremendos resultados possam ser alcançados com o instrumento simples com que o soldado de Cristo tem sido enviado para enfrentar o Goliás que desafia as hostes do Deus vivo. Através de toda a História, a sabedoria do mundo inclina-se a desprezar a funda e a pedra, e está preparada para aconselhar o abandono dos atavios simples do pastor, em troca das mais complicadas, aparatosas, imponentes e aparentemente mais eficazes armaduras e armas.

A Palavra Descolocada

Bem cedo na história da igreja a Palavra perdeu a sua situação de preeminência, e a pregação cedeu lugar a uma multidão de ritos e cerimônias, paramentos e mitras, liturgias e formas, desfiles e procissões — destinados, todos, a atrair os olhares, a impressionar a mente, a despertar emoções, e fazer do padre e da igreja o centro da religião. O mundo afundou na insignificância perante esses novos meios empregados para produzirem e aprofundarem impressões espirituais. Teve o ministro que tornar-se mais do que um servo, mais do que um arauto, mais do que um pregador — teve que tornar-se um sacerdote, membro de uma casta sagrada, possuidor, dentre outras faculdades místicas, do poder de perdoar o pecado e de dispensar graça, e do ainda

mais espantoso poder de criar, de um pedaço de pão, o Salvador do mundo e oferecer Seu verdadeiro corpo e sangue como sacrifício pelos vivos e pelos mortos.

Os cultos da religião foram transformados em magníficos espetáculos e ritos, destinados a produzir um impacto nos sentidos, e estilizados de maneira tal que intimidassem a alma. O trabalho principal do ministro, em lugar de pregar a Palavra, ficou sendo a realização desses ritos. Quanto mais completo fez êle o seu ritual, e mais solenes e impressionantes as cerimônias, maior se lhe tornou o êxito.

A Reforma Protestante varreu grande parte dessas formas de culto falsas e espúrias, e buscou tornar central, uma vez mais, nos cultos da igreja, a Palavra. Teve êxito nisso, apenas parcialmente. Há em nossas igrejas grande número, não somente desnecessários mas positivamente prejudiciais, de substituintes da simples Palavra do evangelho.

Ao chegar o tempo de a mensagem final do evangelho atingir o mundo todo, com base, como tem, na simples palavra do Deus vivo, chegou, também, o tempo do abandono total de todo substituto da arma simples que Deus deu aos ministros para usarem, e para a restauração da centralidade, em toda a pregação, da Palavra viva e vivificante.

O ministro cristão hoje em dia, não mais é um ministro de ritos e cerimônias, de luzes e litanias, ministro de desfiles e procissões, de exibições e encenações, ministro de exibições espetaculares e demonstrações teatrais; não é ministro de filmes nem de auxílios visuais. Como foi no princípio, assim é agora, ou deve ser, categórica e exclusivamente,

um ministério "da Palavra" (S. Luc. 1:2). "Cristo enviou-me," disse Paulo "não para batizar, mas para evangelizar" (I Cor. 1:17). O batismo estava subordinado à pregação, e não esta àquêle.

Em artigo anterior apresentei o assunto da propriedade de ordenar qualquer homem que não fôsse chamado de Deus para pregar em público a Palavra de Deus. Analisemos agora outro assunto: Estamos nós em perigo de, em nossa apresentação pública da mensagem para os últimos dias, desviar a Palavra de Deus de seu lugar de centralidade na pregação, quer no púlpito da igreja ou na plataforma evangélica, quer no rádio ou na televisão, e substituir por várias formas de entretenimento, inclusive a representação de coisas irreais: peças dramáticas e dramatização de acontecimentos que são pura simulação, com a intenção de ressaltar um ponto ou uma lição que a simples Bíblia, destramente apresentada impressiona com eficácia mil vezes maior; chapas luminosas e filmes que em sua maior parte não têm correlação alguma e só servem para distrair a atenção do assunto apresentado, e outros procedimentos semelhantes destinados a adornar e a modernizar a pregação da verdade?

Se os ministros de Deus hoje em dia não têm senão um instrumento adequado com que realizar o trabalho que Deus lhes mandou fazerem, então que suprema importância há em que nos tornemos peritos no uso desse único instrumento! Se "a Palavra" — a verdade divina falada — é realmente o instrumento principal de nosso ministério, torna-se evidentemente um assunto de transcendental importância que cada homem que usa esse instrumento seja supremamente destro no seu uso.

Que Está Fazendo a Sociedade dos M. V. da Tua Igreja?

MOISÉS S. NIGRI

(Presidente da União Sul-Brasileira)

EM regra geral, a Sociedade dos M. V. se limita a apresentar um programa na Igreja, cada sábado e, às vezes, só sábado sim e sábado não! Algumas Sociedades têm grupos de oração, de correspondência ou as Classes Progressivas, outras ativam a leitura do Ano Bíblico e do Curso de Leitura e várias oferecem horas sociais aos sábados à noite ou piqueniques aos domingos e feriados. E... parece que, de importância, é só!

Durante os outros dias e noites da semana os nossos jovens estão "de folga" ou atendendo aos seus deveres seculares, quando não são encontrados em lugares outros que não aqueles que salvam e dignificam.

Será êste o objetivo de uma Sociedade de Jovens? Será que a Sociedade da tua igreja se limita apenas a oferecer aos seus jovens um programa sábado à tarde, para ouvirem de um a vários oradores e de quando em quando um programa especial?

Quanta energia está sendo perdida para uma Causa que tem tanto para fazer num tão curto espaço de tempo!

Não estaremos falhando quando deixamos de orientar esta mocidade e a entregamos seis dias ao seu próprio caminho, sem dar-lhe uma orientação mais profunda ou mostrar-lhe o caminho do dever?

Lembremo-nos de que "com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude *devidamente preparada*", ou "treinada", como traduziu alguém, "quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!" — *Educação*, pág. 271:4. (*Grifo nosso*).

Esta citação, apesar de muito conhecida, é de um alcance tão profundo que, seguida, resolverá o grande problema da pregação do Evangelho ao mundo. E a nossa mocidade, "devidamente treinada" para o trabalho, poderia fornecer o elemento humano de que a Igreja está necessitando para terminar a tarefa a ela confiada pelo Mestre.

A Sociedade dos M. V. não foi fundada e organizada para passatempo de jovens adventistas. Não, nunca!

Quando Lutero Warren, de Hazelton, Michigan,

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

idealizou a primeira Sociedade de Jovens, êle o fêz com vistas ao trabalho missionário. Conta-se que Warren e outro rapaz iam certa vez por uma estrada conversando sôbre o que a mocidade poderia fazer para anunciar a tríplice mensagem angélica. E assim, ali mesmo na estrada decidiram fundar uma Sociedade em que os rapazes adventistas se reunissem e planejassem trabalhar para o Senhor. Ato contínuo, oraram a Deus pedindo a bênção para o seu plano. E desta maneira foi que um grupo de rapazes começou a congregar-se para ter seus cultos de oração, realizar reuniões pró-temperança e outras atividades missionárias. Depois, também as moças entraram na Sociedade e, trabalhando juntos, distribuam folhetos e revistas, visitavam os doentes e auxiliavam os necessitados.

Foi assim que começou a Sociedade dos Jovens, assim deve continuar e assim terminará quando o Senhor Jesus voltar.

Não condenamos as reuniões festivas, especiais e sociais que a mocidade das igrejas sabe tão bem programar; nem os jogos e brinquedos lícitos que tanto gosta de promover. Mas, lembremo-nos sempre de que não são êstes os objetivos da Sociedade dos M. V. Estas atividades são apenas meios para se conseguir os objetivos.

Na Sessão da Associação Geral de 1926, os líderes do Departamento dos Jovens adotaram e substanciaram os objetivos da Sociedade no seguinte lema:

“Salvar do pecado e guiar no serviço”.

É nesta direção, prezado coobreiro, que devemos orientar os nossos jovens. Lembremo-nos de que a Sociedade dos M. V. é a mocidade organizada para trabalhar pelos jovens.

Zac. 2:4 tem o apêlo urgente do Senhor a cada um de nós: “Corre, fala a êste mancebo...” Mas, falar-lhe o que?

Certa ocasião, quando a Igreja Católica precisava da sua juventude, afixou nas ruas das cidades da Itália milhares de cartazes nos quais se viam a Cúpula da Igreja de São Pedro e os seguintes dizeres: “Jovens da Itália, Roma vos chama”. E não deveríamos nós, ministros de Deus, correr aos mancebos de nossa igreja e dizer-lhes: “Jovens adventistas, o Senhor vos chama”?

“Salvar do pecado e guiar no serviço” são os objetivos de cada Sociedade dos M. V. Está a Sociedade da tua igreja cumprindo tais objetivos? E, como cumprí-los?

Eis uma lista sugestiva das atividades que devem existir em cada Sociedade dos M. V.:

1. Atividades Devocionais

- a) Cultos de oração, consagração e testemunhos
- b) Ano Bíblico
- c) Devoção Matinal
- d) Semana de Oração – Cruzada Pró-Juventude

2. Atividades Educacionais

- a) Classes Progressivas
- b) Curso de Leitura
- c) Liga de Estudo e Serviço
- d) Animar seus jovens a assistirem aos congressos e acampamentos.
- e) Biblioteca.

3. Atividades Missionárias

- a) Evangelismo Pessoal
- b) Trabalho com Literatura.
- c) Estudos bíblicos e reuniões em casas de família.
- d) Trabalho de auxílio cristão.
- e) Temperança, rádio e liberdade religiosa.
- f) Correspondência missionária.
- g) Tomar parte ativa nas campanhas da igreja.

Um bom plano é alistar *todos* os jovens da igreja nas atividades acima; outro, é que os mais entusiastas ajudem aos demais nas suas tarefas espirituais; e outro, ainda, é o de ter alvos definidos e procurar alcançá-los. Desta forma teremos Sociedades de Jovens segundo o escopo denominacional. Almas serão ganhas e a nossa mocidade salva em nossas igrejas.

Termino, deixando convosco estas palavras da Serva do Senhor:

“Muito se tem perdido para a Causa de Deus devido à falta de atenção para com a mocidade...” — *Christian Education*, pág. 222.

“Atenção demasiado pequena tem sido dada a nossos meninos e jovens... Deus requer que a igreja desperte de sua letargia e veja que espécie de trabalho lhe é pedido fazer neste tempo de perigo”. — *Testimonies*, Vol. VI, pág. 196.

Que nós, ministros de Deus, no pouco tempo que ainda nos resta, possamos guiar os jovens ao trabalho e tornar cada Sociedade dos M. V. uma instituição que salve e guie ao serviço.

A Formação do Caráter

“O PEQUENO prazo de vida que nos é aqunhoado aqui, deve ser aproveitado sábiamente. Deus quer que Sua igreja seja viva, consagrada, ativa. Nosso povo, porém, como um corpo, acha-se longe disto agora. Deus pede almas fortes, valorosos, cristãos vivos e laboriosos, que sigam o verdadeiro Modêlo, e exerçam decidida influência em favor de Deus e do direito. Qual sagrado depósito, concedeu-nos o Senhor as mais importantes e solenes verdades, e devemos mostrarlhes a influência sôbre nossa vida e caráter.” — Sra. E. G. White, *Test. Sels.*, [Ed. mundial], Vol. I, pág. 603.



CONSELHO do Espírito de Profecia

A Influência da Alimentação — Parte IV

Bênçãos Prometidas aos Reformadores do Regime Alimentar

“SE os cristãos mantiverem em sujeição o corpo, e puserem sob o domínio da consciência esclarecida seus apetites e paixões, considerando um dever para com Deus e o próximo a obediência às leis que governam a saúde e a vida, terão a bênção do vigor físico e mental.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 65.

“Mantenha-se sempre em mente que o grande objetivo da reforma pró-saúde é assegurar o mais elevado desenvolvimento da mente, e alma, e corpo. Tôdas as leis da natureza — que são as leis de Deus — destinam-se ao nosso bem. A obediência a elas produzirá a nossa felicidade nesta vida, e ajudar-nos-á na preparação para a vida por vir.” — *Idem*, pág. 23.

“Ao estudarmos este assunto, no temor de Deus, aprenderemos que é melhor, tanto para a nossa saúde física quanto para o nosso progresso espiritual, observar simplicidade na alimentação.” — *Medical Ministry*, pág. 273.

“A experiência espiritual é grandemente influenciada pela maneira em que o estômago é tratado. O comer e beber em consonância com as leis da saúde favorece as ações virtuosas.” — *Review and Herald*, 27 de maio de 1902.

“Sómente os que praticam a abnegação e a renúncia, vivendo vida simples e saudável, compreenderão o que constitui a aceitável e perfeita vontade de Deus.” — *Idem*, 20 de junho de 1899.

“Quem aprecia a luz que Deus concedeu no tocante à reforma pró-saúde, tem um apoio importante na obra de santificação por meio da verdade e habilitação para a imortalidade.” — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 59 e 60.

“Se o homem aprecia a luz que Deus misericordiosamente concede quanto à reforma pró-saúde, pode ser santificado pela verdade e habilitado para a imortalidade.” — *Testimonies*, Vol. III, pág. 162.

“A fim de prestar a Deus serviço perfeito, precisamos ter conceitos claros de Sua vontade. Isto exigirá de nós o uso tão sómente de alimento saudável, preparado de maneira simples, para que os nervos delicados do cérebro não sejam lesados, tornando-nos impossível discernir o valor da expiação, e o mérito inestimável do sangue purificador de Cristo.” — *Review and Herald*, 18 de março, 1880.

“Deveis usar o alimento mais simples, preparado na maneira mais simples, para que os delicados nervos do cérebro não sejam enfraquecidos, entorpecidos ou paralisados, impedindo-vos de discernir as coisas sagradas, e o valor da expiação.” — *Testimonies*, Vol. II, pág. 46.

“A vida religiosa pode ser mais facilmente obtida e mantida com a abstenção da carne.” — *Medical Ministry*, págs. 277 e 278.

O Braço Direito para Proteger o Corpo

“Ao ser a terceira mensagem angélica recebida em tôda a sua plenitude, será concedida à reforma pró-saúde o seu devido lugar nos concílios da Associação, na atividade da igreja, no lar, à mesa, e em todos os afazeres domésticos. Então o braço direito agirá para servir e proteger o corpo.” — *Review and Herald*, 20 de junho, 1899.

“Enviai às igrejas obreiros que vivam os princípios da reforma pró-saúde. Sejam enviadas pessoas que sintam a necessidade de abnegação no apetite, do contrário serão um laço para a igreja. Vêde então se não penetrará nossas igrejas um sopro de vida. Importa introduzir na obra um novo elemento.” — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. II, págs. 504 e 505.

“Há preciosas bênçãos e ricas experiências a serem alcançadas se os ministros unirem a apresentação da questão da saúde com todos os seus trabalhos nas igrejas. O povo precisa de receber a luz sobre a reforma pró-saúde.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 228.

“Não há estímulo para qualquer dos filhos ou filhas de Adão serem vencedores vitoriosos na luta cristã, a menos que se decidam a praticar a temperança em tôdas as coisas. Se o fizerem, não lutarão como quem bate no ar.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 65.

“A abstinência no regime alimentar e o controle de tôdas as paixões, preservarão o intelecto e darão vigor mental e moral, habilitando o homem a sujeitar as suas inclinações ao domínio das facultades mais elevadas, e a discernir entre o direito e o torto, o sagrado e o comum.” — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. I, pág. 421.

“Quanto menos excitante fôr a alimentação, com tanta maior facilidade podem as paixões ser dominadas.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 64.

“A abstinência na alimentação é recompensada com vigor mental e moral; também auxilia no domínio das paixões.” — *Idem*, pág. 126.

“Assim como nossos primeiros pais perderam o Éden pela complacência com o apetite, nossa única esperança de reaver a Éden consiste na nossa firme abstinência do apetite e das paixões.” — *Idem*, pág. 59.

“Por preceito e exemplo, esclareçam que o alimento que Deus deu a Adão em seu estado isento de pecado, é o melhor para o uso do homem, ao buscar êle reaver êsse estado de pureza.” — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. III, pág. 139.

Tem-me sido repetidamente mostrado que Deus está experimentando reconduzir-nos, passo a passo, ao Seu desígnio original de que o homem se sus-

tente com os produtos naturais da terra." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 380.

Proveito para os Obreiros

"Hábitos estritamente temperantes, combinados com o exercício dos músculos, bem como da mente, preservarão o vigor tanto mental quanto físico, e comunicarão capacidade de resistência aos que se empenham no ministério, aos redatores e a todos quantos tenham hábitos sedentários." — *Counsels on Health*, pág. 123.

"Eis uma sugestão para todos cujo trabalho é sedentário e principalmente mental: experimentalmente os que possuam suficiente valor moral e domínio próprio: Em cada refeição servi-vos apenas de duas ou três espécies de alimento simples, e não comais mais do que é necessário para satisfazer a fome. Fazei exercício ativo diariamente, e vede se não tirareis proveito." — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 139.

"Escolheu-vos o Senhor para fazerdes a Sua obra, e se trabalhades esmeradamente, prudentemente, e puserdes os vossos hábitos alimentares sob o controle estrito do conhecimento e da razão, tereis muitas mais horas agradáveis e confortáveis do que se procedesdes nescientemente. Refreai-vos, mantende o vosso apetite sob controle estrito, e depois entregai-vos nas mãos de Deus. Prolongai a vossa vida por meio de cuidadosa fiscalização de vós mesmos." — *Idem*, pág. 162.

"A fim de têrmos digestão perfeita, deve o alimento ser comido vagorosamente. Quem quiser evitar a dispepsia, e os que percebem a sua obrigação de conservar tôdas as faculdades em condição que lhes possibilite prestar o melhor serviço para Deus, bem farão em lembrar-se disto." — *Review and Herald*, 29 de julho, 1884.

"Quando viajam, algumas pessoas, se têm alguma coisa ao seu alcance, estão quase constantemente mordiscando. Este hábito é muitíssimo prejudicial. . . . Se os viajantes comessem regularmente as espécies de alimento mais simples e mais nutritivas, não experimentaríamos tão grande cansaço, nem sofreríamos de tantas doenças." — *Ibidem*.

"O alimento será preparado não para incitar a gula ou satisfazer o paladar pervertido, mas para assegurar para si mesmos a maior fortaleza física e, conseqüentemente, o melhor estado mental." — *Ibidem*.

"Frutas, cereais e hortaliças, preparados de maneira simples, isentos de condimentos picantes e gordura de toda espécie, . . . comunicam nutrição ao organismo, e conferem capacidade de resistência e vigor intelectual, não produzidos pela alimentação estimulante." — *Counsels on Health*, pág. 115.

"As azeitonas podem ser . . . comidas com bons resultados em cada refeição. . . . O óleo das azeitonas corrige a constipação, e para os tísicos e os que sofrem de inflamação e irritação do estômago, ela é melhor do que qualquer medicamento." — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. III, pág. 137.

"A fim de saber quais são os melhores alimentos, cumpre-nos estudar o plano original de Deus para a alimentação do homem. . . . Cereais, frutas, frutos oleaginosos e verduras constituem o regime dietético escolhido para nós por nosso Criador. . . . Proporcionam uma força, uma resistência e vigor intelectual, que não são promovidos por uma alimentação

mais complexa e estimulante." — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 253 e 254.

"Se os israelitas houvessem obedecido às intruções recebidas, aproveitando-se de suas vantagens, ter-se-iam tornado para o mundo um modelo de saúde e prosperidade." — *Test. Sel.*, [Ed. mundial], Vol. III, págs. 364 e 365.

"Estivessem eles dispostos a negar o apetite, em obediência às Suas sábias restrições, e teriam sido desconhecidas entre eles a fraqueza e a moléstia." — *Patriarcas e Profetas*, pág. 410.

"Grande coisa é assegurar a saúde mediante o colocar-nos nas devidas relações para com as leis da vida." — *Review and Herald*, 29 de julho, 1884.

ILUSTRAÇÕES

Estímulo na Adversidade

UM médico jovem recentemente diplomado, com uma carreira de grande utilidade perante si, foi repentinamente ferido de cegueira total. Foi um golpe tremendo para o vigor jovem e a ambição prenhe de tôdas as promessas de crescente varonilidade e esperança de velhice abastada. Poder-se-ia imaginar que isso lhe teria abatido o ânimo e levado a pessimismo total. Nada disso. Manteve-se êle superior à sua terrível calamidade. Não se pôs a questionar da justiça de sua sorte cruel ou a investivar a Providência.

"Ó, Deus," orou êle, "a Ti consagro o talento da minha cegueira." Se bem que se tratasse de outro Jacó, em luta pela bênção, e recebendo-a, pois, mais tarde, o médico se tornou o inventor do alfabeto para os cegos, e o "talento da cegueira" que consagrara a Deus, tornou-se o portão pelo qual incontáveis milhares ingressaram numa vida mais ampla. — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.

Herdeiros de Deus

A Espôsa de um rico morreu. Passado não muito tempo, seu filho único, rapazinho a quem ambos muito amavam, acompanhou a mãe na sepultura. O homem nunca mais se reabilitou do choque dessa dupla aflição. Após a sua morte, foi dada busca de um possível testamento, mas sem resultado. Por ocasião da venda da casa e móveis, estava presente velha criada, que queria comprar o retrato do rapazinho a quem muito amara. Adquiriu-o e, ao ser retirado da parede, foi encontrado, pegado atrás dêle, o testamento. Ao ser lido, descobriu-se que, na venda dos objetos, a pessoa que comprasse o retrato daquele filho bem-amado, seria herdeira de toda a propriedade. Também Deus disse a todos quantos amam o Seu unigênito Filho e se dispõem a por Ele sofrer, que os fará herdeiros de Seu reino eterno. Tudo depende de nossa relação para com o Seu amado Filho. Conheçê-Lo e amá-Lo equivale a compartilhar de Sua riqueza incorrutível e eterna — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks.

O Poder do Raciocínio Negativo

(Continuação da página 3)

idéias de Dale Carnegie. A pessoa é animada a utilizar-se da Bíblia para vender-se, de preferência a ver a profunda brecha entre os ensinamentos da Bíblia e o materialismo em que todos vivem hoje em dia." (Grifo nosso.)

Quanto ao livro *The Power of Positive Thinking* (O Poder do Raciocínio Positivo) escrito por um pastor da igreja Marble Collegiate, de Nova York, que se aproxima do recorde mundial de vendas (em seguida à Bíblia) de dois milhões de exemplares, e que em breve, diz-se, deverá ser impresso em papel especial e encadernado em couro, tal como a Bíblia; torna-se imperativo o exame de sua filosofia básica. E há também outros livros que nos convidam a pesquisa.

A Necessidade de Discernimento Espiritual

No atual conflito entre a verdade e o erro, ou expresso mais apropriadamente, a verdade e o simulacro da verdade, o discernimento espiritual é um preceito essencial. Os homens que arcam com a responsabilidade dos interesses eternos da igreja remanescente precisam manter-se capacitados para discernir as fraquezas fundamentais em qualquer doutrina ou filosofia que influencie a classe leiga. Como vigias da moderna casa de Israel temos o estrito dever de evitar que nosso povo aceite as sedutoras deturpações da verdadeira experiência cristã e do verdadeiro caráter para a trasladação.

Esses ardilosos simulacros da verdade ainda que soem como inofensivos, constituem um problema de identificação demasiado difícil para os homens comuns da congregação. Ele lê — estai bem certos disto. Muitas pessoas lêem, mas haverá o perigo de que algumas estejam a ler sem ponderado discernimento? A surpreendente confiança nessas obras superficiais como base para os sermões do culto de sábado, constitui o fato alarmante que motiva esta advertência.

Em resumo, cremos haver dois perigos nessa literatura de "transformação rápida": O primeiro deles jaz na tendência de esses escritos inculcarem idéias populares de fé em nível infantil. Uma coisa é a simplificação da operação da fé. Outra, muito diversa, é apoucar-lhe a significação salvadora. O processo redentor é alguma coisa mais penetrante e real do que "premer um botão para ligar a corrente das energias físicas e mentais de um transformador espiritual."

A tentativa de encontrar paz duradoura e o crescimento cristão por meio de "sugestão", conquanto a sugestão seja sã e até espiritual, sempre "eleva" a pessoa. Mas os meios para essa consecução deixam a pessoa com a impressão fixa de que foi ela a manipuladora. Se bem que reconheçamos as faculdades latentes que em nós há, para serem despertadas e usadas para os propósitos do reino, devemos ter sempre presente que tal despertar próprio não "purifica todo o ser." O toque da Onipotência precisa ser solicitado, tem que ser implantada nova energia moral. A auto-suficiência se bem que necessária numa etapa, não é a meta a ser alcançada; antes, o alvo é uma nova natureza.

Em segundo lugar, e talvez básico, essa filosofia é demais egocêntrica para ser redentora. Justamente o seu egocentrismo é intoxicante e, cremos,

uma razão compreensível para a fenomenal seqüência que desfruta. Sob o disfarce da piedade e das frases religiosas, ou mesmo de sua exaltação da oração, jaz o temível apelo para o esforço humano que produz resultados "miraculosos" por algum tempo. Lembremos, porém, a avaliação de Luc-cok: "O começo da experiência cristã não está na confiante defesa da auto-suficiência, mas no negativo demérito próprio." Continua sendo verdade que "quem achar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de Mim, achá-la-á."

A Luta das Idéias

A verdadeira força do capítulo onze de Isaías é o equipamento sêptuplo fornecido a Cristo pela unção do Espírito Santo. Como sub-pastores também nós temos de "deleitar-nos no temor do Senhor." Versões da Bíblia há que tornam esse passo de clareza cristalina, mediante o uso das palavras marginais "aroma, ou, cheiro." Tão engenhoso foram os ataques de Satanás feitos a Jesus, que nosso Senhor não ousou confiar na "vista dos Seus olhos" nem no "ouvir dos Seus ouvidos", mas na sensibilidade para o mal, não diferente do "aroma, ou, cheiro."

Nós estamos testemunhando uma era decisiva na luta das idéias. As formas mais desabridas do ataque satânico, tão amiúde vergastadas em nossos sermões não são os nossos piores inimigos de hoje em dia. As palavras de Paulo aos efésios são-nos uma mensagem clara hodiernamente: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, . . . contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais."

Os desfechos com tanta clareza revelados nas últimas páginas de *O Conflito dos Séculos* devem absorver-nos o pensamento como nunca dantes. O inimigo está penetrando no terreno do intelecto, e daí para o sobrenatural — o supranatural — o parapsicológico. Sem o discernimento espiritual prometido ao obreiro de Deus somos uma presa fácil do inimigo. Notai esta atemorizadora declaração:

"Satanás atua ombro a ombro com os professores cristãos; eles, entretanto, estão tão destituídos de discernimento espiritual que não o discernem." — *Testimonies*, Vol. II, pág. 442.

Muitos obreiros têm solicitado a atenta atenção para o devido lugar que as ciências mentais ocupam na tarefa da igreja. "O Ministério" está-se consagrando a esses problemas e, presentemente, vários líderes de nossas fileiras, acatados no terreno das ciências e religião mentais, estão preparando artigos para suas páginas. Cresce o número dos psicólogos e estudantes de vários ramos da educação que conquistaram o aprêzo de seus coobreiros. Eles nos proporcionarão proveitoso discernimento e estimularão o raciocínio no bom sentido.

Deus é o criador da mente, e tanto as Escrituras quanto o Espírito de profecia estão portentosamente repletos do estudo de seu uso e operação. A ignorância nesse sentido somente conduzirá à inadvertida aprovação de muitas filosofias superficiais, se bem que populares, do presente. A leitura atenta de alguns capítulos apropriados de *A Ciência do Bom Viver*, visa o problema e atribui responsabilidade direta a todo subpastor quanto a familiarizar-se minuciosamente com as ações e reações da personalidade humana.